

*Q. Julio*



# atos

## do conselho geral

---

ano LXVII - janeiro-março, 1986

n. 316

**órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
congregação salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# atos

do conselho geral  
da sociedade salesiana  
de São João Bosco

---

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**n. 316**  
ano LXVII  
janeiro-março  
1986

---

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Pe. Egídio VIGANÓ Atualidade e força do Vaticano II	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Pe. Paul NATALI A "Ratio" 1985, segunda edição 2.2 Pe. Juan E. VECCHI O projeto educativo pastoral	22 31
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 Crônica do Conselho Geral 4.3 Atividades dos Conselheiros	39 39 41
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 O 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos. Discurso conclusivo do Reitor-Mor 5.2 Intervenção do Reitor-Mor no Sínodo extraordinário dos Bispos 5.3 Partidas missionárias 5.4 Irmãos falecidos	49 56 58 59



## 1. CARTA DO REITOR-MOR

---

### ATUALIDADE E FORÇA DO VATICANO II

Introdução — Clima de Pentecostes — Vinte anos de aceleração histórica — O ministério profético de dois Papas — Por que a crise? — Relançamento conciliar — Originalidade "pastoral" — Centralidade do Mistério — Guarda da identidade — Empenho pela santidade — Comunhão e multiformidade — Dívida aos jovens — Conclusão.

Cidade do Vaticano, 8 de dezembro de 1985

*Queridos Irmãos,*

escrevo no Sínodo Extraordinário dos Bispos. Penso em vós, na nossa Família, nos jovens.

Há, no Sínodo, tantas riquezas para a vida, tantas orientações para a ação e esperanças para o futuro, que não posso deixar de comentá-las convosco para proveito da santificação e do apostolado de todos nós.

Desta vez participei nas assembléias sinodais junto com a Superiora Geral das FMA, madre Marinella Castagno, e alguns irmãos beneméritos: os cardeais Castillo e Obando, os arcebispos Gottardi, Rivera-Damas e Santos, mais um perito colaborador do Secretário especial, Pe. Luís Bogliolo. Éramos oito! Encontramos várias vezes para trocar impressões e avaliações e para partilhar juntos a alegria de traduzir em serviço altamente responsável o grande ideal de amor de nosso pai Dom Bosco para com a Igreja.

#### **Clima de Pentecostes**

Os padres sinodais constataram com alegria e gratidão o ar fresco de um clima pentecostal, trazido por uma especial presença do Espírito de Deus. Um clima experimentado com intensidade, íntima satisfação e até maravilha: Bispos de tantas nações, de culturas diversas, de várias cores, provenientes de situações sociais, políticas, pastorais muito diferentes, embora exprimindo

problemas e preocupações os mais vários e por vezes quase opostos, juntavam-se admiravelmente nos grandes princípios vitais e nos critérios fundamentais de ação propostos pelo Vaticano II para os novos tempos.

A Igreja não é uma viúva que peregrina na terra em pranto e luto; é a Esposa sempre jovem do Espírito Santo, do qual recebe frescor, alegria, energias para uma fecundidade materna.

A experiência deste clima sinodal valeu para amplificar os horizontes da mente, aguçar o sentido eclesial, melhor individuar as prioridades mais urgentes, abordar os problemas com a sabedoria de quem tem como horizonte a solicitude da Igreja universal. Tinha-se a impressão de estar a olhar o homem, sua problemática, sua história, de um observatório alçado em alturas mais que humanas.

Para quem havia participado do Concílio, o Sínodo foi densa e genuína reatualização da sua dimensão pentecostal, com a mesma perspectiva de advento, com os mesmos esperançosos empenhos, com a idêntica sensação de haver sido lançado numa órbita inédita, com a estimulante finalidade de evangelizar a cultura emergente desta nova época da humanidade.

Alguns dos grandes protagonistas do Concílio, já entrados em anos, intervieram com lucidez e vigor para falar do valor profético do Vaticano II, da sua vitalidade devida à irrupção do Espírito Santo neste resto do século 20. Vitalidade que não se detém no cercado erguido pelos nossos problemas, e que se coloca acima do dever de poucos decênios humanos, para apresentar a Igreja de hoje como um escrínio de milagres, aberto aos horizontes do presente e do futuro, e convidar seus filhos a passar do medo e da ansiedade à alegria e à esperança.

Uma das testemunhas do Concílio, o card. Marty, pôde exclaimar com comoção: “na minha velhice confio aos mais jovens o tesouro do Vaticano II”!

Também o Santo Padre lembrou que foi graça extraordinária de Deus haver participado no Concílio, graça que comprometeu os participantes a assumir um empenho sagrado: dedicar a própria vida a torná-lo conhecido e traduzido em prática.

Fiquei a pensar que seu pontificado se caracteriza precisamente por essa grande tarefa, infelizmente nem sempre bem compreendida.

## Vinte anos de aceleração histórica

O Sínodo foi convocado por ocasião dos 20 anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Hoje, vinte anos é muito. Afirma-se que, em tempos de tamanha aceleração, a cada cinco ou dez anos se muda de século. Portanto, a problemática humana mudou muito desde os tempos do Concílio. Apareceram novos sinais dos tempos. Segundo alguém, nos encontraríamos já “em outro lugar”, talvez à espera de um ... Vaticano III.

Nesse “outro lugar”, depois de vinte anos, há uma parte de verdade. Novos problemas, novos progressos, amadurecimento e desenvolvimento de valores então apenas seminais, óticas eclesiais diferentes, conquistas científicas. Mas há, infelizmente, superficialidade também: a de considerar um evento pentecostal em pé de igualdade com o devir humano. Falta a visão histórica do que representa nos séculos um Concílio Ecumênico; esquece-se a consideração específica do aspecto escatológico da Igreja reunida em Concílio; não se faz a análise do “salto para a frente” dado pelo Vaticano II: não foi apenas o acontecimento conjuntural de um quinquênio; foi, ao invés, o corajoso lançamento da Igreja numa órbita nova. Órbita com imensas distâncias por percorrer, projetada precisamente para acompanhar e iluminar o atual devir do homem.

O Espírito Santo, gênio criador e fonte inexaurível da juventude da Igreja, não lança sementes ao solo para deixá-las perecer; cuida delas, fá-las crescer até à plenitude. Tratando-se de um Concílio, somente depois de numerosos decênios, e não depois de apenas dois, é que se poderá perceber e avaliar quanto Deus doou ao mundo com o Vaticano II!

No Sínodo ficou claro que os Pastores estão unanimemente convencidos da plena atualidade do Vaticano II, sem excluir que nele houve limite humano e quanta coisa nova se impôs posteriormente à reflexão pastoral. Depois de 20 anos, o aspecto “pentecostal” do Vaticano II está plenamente vivo e mostra-se como evento salvífico ainda em estado de germe, voltado para promissor crescimento.

O Sínodo pede a toda a Igreja que o conheça melhor, que o estude de maneira orgânica, que entre em sintonia com seu espírito.

### **O ministério profético de dois Papas**

Neste sentido é bom lembrar os dois grandes Papas que o realizaram: João XXIII, que quis e iniciou o Concílio, e Paulo VI que o levou ao termo, promovendo depois sua aplicação prática.

O espírito pastoral do Papa João brilha na famosa alocução introdutiva de 11 de outubro de 1962, onde põe em relevo a urgência de dar um “salto para a frente” na maneira de tornar presente e incisivo o patrimônio da fé num época de virada.

O discernimento agudo de Paulo VI ficou gravado na memorável alocução conclusiva de 7 de dezembro de 1965 sobre a virada “humanista” do Concílio: a Igreja voltou-se — não se desviou — para o homem, em cujo rosto se deve ver o de Cristo, Filho do Pai e Filho do Homem; um humanismo autenticamente teocêntrico, de modo, porém, “a poder enunciar que para conhecer a Deus é preciso conhecer o Homem”.

Esta órbita do Papa João e de Paulo VI, que expressa o movimento renovador de todo o Concílio, é a que hoje a Igreja percorre e percorrerá amanhã também.

Seria, pois, sair fora da órbita querer situar-se “em outra parte”, com pouca visão eclesial. Pode-se dizer que os dois grandes Papas do Vaticano II concentram no próprio nome a benemerência conciliar que os caracteriza: o nome “João” lembra a genialidade do amor pastoral; o nome “Paulo”, a acuidade da reflexão sobre a verdade salvífica e a intrepidez em proclamá-la.

O mérito de ambos é interpretado e continuado com fidelidade e vigor pelo seu atual sucessor, que quis reunir expressivamente em seu nome programático de “João Paulo” (composto com bela intuição pelo Papa Luciani) as características complementares dos dois grandes artífices e guias do Concílio.

Temos um Sucessor de Pedro que nos guia na órbita justa, traçada por aquilo que o Espírito disse às Igrejas.

### **Por que a crise?**

As avaliações desses vinte anos puseram em evidência muitos aspectos positivos de crescimento na Igreja. São conhecidos e não me ponho aqui a desfiá-los. Vivemos deles uma experiência

progressiva nos Capítulos Gerais, que nos levaram à reelaboração da nossa Regra de vida.

Tive a oportunidade de fazer uma intervenção no Sínodo, em nome da União dos Superiores Gerais, a fim de mostrar que consideramos mais significativo o total dos aspectos positivos do que o dos negativos, ainda que sentindo hoje o grave peso de não poucos elementos problemáticos.<sup>1</sup>

Parece-me útil, todavia, para um discernimento que leve à conversão, apresentar à vossa reflexão alguns pontos negativos, lembrados pelas Conferências Episcopais dos cinco continentes.

Apresentou-se na aula uma panorâmica intimamente vinculada com as vicissitudes sócio-culturais dos vários países. Duas observações de fundo que se deve ter em conta, sobre as quais concordaram unanimemente os Sinodais, são: primeiro, que os graves problemas pós-conciliares vividos pela Igreja nestes 20 anos não derivam do Concílio, mas constituem prova de que ele foi tempestivo e indispensável; segundo, que a crise experimentada não é um crepúsculo da Igreja e da sua missão (mesmo que se desse o ocaso da civilização ocidental), mas, ao contrário, é a aurora de renovado começo histórico.

A enumeração das dificuldades, contratempos, ambigüidades, desvios, perigos e problemas surgidos nestes anos serviram no Sínodo para formular de maneira mais realista propósitos de empenho.

Escolho alguns desses pontos, que podem sugerir também a nós um bom exame de consciência.

— O conhecimento superficial do Vaticano II prejudicou sua aplicação: uma leitura muito “jornalística” dos seus documentos, seu uso setorial e redutivo, a abordagem subjetivista para adaptar os textos à própria mentalidade, com uma pré-compreensão (progressista ou integrista) que lhe manipulou o sentido genuíno e objetivo. No fundo: uma subtil carência de conversão da própria mentalidade à exata visão renovadora do Concílio.

— Certas atitudes de suficiência racionalista em várias pessoas influentes, que entretanto olharam com simpatia o Vaticano II, ofuscaram-lhe os valores. Pode-se perceber tais atitudes em dois níveis. O primeiro prescinde da “Fé” na leitura do devir humano, identificando na prática a Revelação com os sinais dos

1. cf. este número dos Atos, p. 56-58

tempos, esquecendo o aspecto de mistério e de sacramento da Igreja. O segundo prescinde do Magistério da Igreja e da sua Tradição na leitura da Palavra de Deus, não considerando o vínculo íntimo e indissolúvel que existe entre Revelação, Tradição e Magistério. Tais atitudes acarretaram graves perigos para o Povo de Deus com imposições ideológicas e interpretações arbitrárias.

— O complexo de inferioridade perante o processo de secularização abriu as portas ao secularismo. Os valores da secularização foram percebidos e julgados com a ótica de quem quer mostrar-se “na moda”; a pouco e pouco falsificou-se sua autenticidade e chegou-se a perigoso esmagamento da fé e da moral. Houve obtusidade espiritual, falta de coragem ao discernir a urgência de uma contestação evangélica. Viu-se desta sorte agigantar-se assustadora decadência da moral cristã; o sofreguidão de estar na moda mais do que de testemunhar a verdade; e a perda de identidade das vocações específicas e de seus papéis: padre, consagrado, leigo.

— O esquecimento da vocação fundamental de todos à santidade fez enfraquecer a consciência da sua indispensabilidade. No mistério da encarnação Deus ensinou que o verdadeiro amor é inseparável da “kénosi” (ou seja, do esvaziamento de si). Além disso, proclamou com sua Páscoa que sem Cruz não há vitória sobre o mal. Também nestes vinte anos, através das vicissitudes da presença da Igreja no mundo, fez-se sentir, visivelmente e em muitas nações, que a missão redentora é inseparável da perseguição e do sofrimento. É necessário repensar a santidade como meta de toda pastoral; meta que não se pode atingir sem uma concreta metodologia ascética e um Calvário.

— A perda do sentido do sagrado e da densidade teológica da liturgia incidiu negativamente sobre a verdadeira dimensão “sacramental” da Igreja. Esse grave defeito moveu-se em duas direções. A primeira é a de um obscurecimento da expressividade e da dignidade artística dos símbolos, pois banalizaram-se as celebrações, os sinais, as vestes, a música, os textos, manipulou-se a delicada natureza do sagrado feita para abrir o espírito à transcendência e para participar vitalmente nos eventos salvíficos de Jesus Cristo. Tanta arbitrariedade comprometeu o aspecto público e oficial da liturgia como ação de toda a Igreja.

Outra direção insuficiente foi a de dedicar atenção quase exclusiva à renovação externa do aspecto simbólico, à introdução

de novos sinais, à justa solicitude para mais objetiva inculturação litúrgica, ao melhoramento dos componentes rituais, como se tudo consistisse apenas nisso. Nem sempre se deu, lamentavelmente, a indispensável prioridade ao aspecto de introdução ao mistério (= mistagogia), próprio da liturgia, ao seu sentido de adoração, à reatualização do sacrifício da cruz, à unicidade do sacerdócio de Cristo que, ressuscitado, está presente na celebração mediante homens, ritos e coisas e realiza pessoalmente, agora, a verdadeira mediação entre Deus e o homem. Tudo isso traz o grave perigo de marginalizar o mistério, de apresentar uma Igreja esvaziada de Cristo, de reduzir a Eucaristia a um banquete simbólico de simples fraternidade humana.

Mesmo considerando apenas esses aspectos negativos, sentimo-nos chamados a voltar ao Vaticano II com maior atenção e fidelidade, olhando seus conteúdos como luz profética, dada à Igreja precisamente para esta hora, que será longa, de transformação. Para reagir positivamente às infelizes vicissitudes dessa última vintena de anos, o Sínodo convida a desempoeirar os documentos conciliares e a relê-los na organicidade de seu significado global.

### **Relançamento conciliar**

O trabalho sinodal desenvolveu-se em três momentos complementares: memória do evento conciliar; avaliação dos elementos positivos e negativos experimentados nestes vinte anos; propósito bem definido e magnânimo de relançar um conhecimento mais operativo dos conteúdos conciliares. Os Bispos propõem-nos novas metas a serem atingidas como ulterior e crescente realização do Concílio.

Depois destes vinte anos, abre-se uma estação mais temperada e mais favorável. A promulgação do novo Código de Direito Canônico está a indicar também melhor clareza e orientações práticas mais concretas.

O Código garante uma sabedoria metodológica; exige certa Disciplina (com maiúscula, para não lhe falsear o alto significado pastoral); revolve a preceituação canônica antecedente; apresenta-se como guia normativo, impregnado da eclesiologia do Vaticano II.

O relançamento operativo do Concílio exige, porém, uma condição prévia: o estudo dos textos, com assimilação profunda do espírito do Concílio. O estudo dos documentos deve ser orgânico e não setorial; deve fundar-se sobre os princípios fundamentais das quatro Constituições; e é indispensável que não separe nunca a “letra” do “espírito”.

O “espírito” do Concílio é mais amplo e mais incisivo que o significado material dos textos; mas não é interpretação arbitrária, nem visão subjetiva futurista. Ele se encontra numa orientação global, numa sensibilidade pastoral que procede objetivamente dos vários componentes (também para lá dos textos) próprios do evento conciliar; deve, entretanto, encontrar-se na mesma letra dos documentos. De modo que se deverá afirmar também que não se pode falar de “espírito” sem uma sua confirmação na “letra”. Como disse o card. Daneels: “as afirmações da letra dos textos devem ser lidas no espírito do Concílio; mas este espírito não se percebe sem a leitura atenta das palavras dos textos. Ou seja: nem interpretação meramente legalista, nem seu apelo vago a um espírito que se lhe sobrepusesse para confundir o genuíno significado”.

O Sínodo fez votos para que a Sé Apostólica diligencie por que se faça, para uso de todas as Igrejas particulares, um “compêndio de formulações sintéticas da doutrina católica” (acerca da fé e da moral), que sirva de base a todos os catecismos dos fiéis. Recomendou insistentemente que se cuidasse da formação intelectual dos candidatos aos ministérios para que formem uma mentalidade doutrinal em explícita sintonia com os princípios conciliares. Insistiu sobre a responsabilidade dos bispos como mestres autênticos da fé. Lembrou aos teólogos a tarefa de aprofundar e de expor a doutrina “da Igreja” e não teorias que lhe enfraquecem o patrimônio ou prescindem da função magisterial. Lembrou a todos que no próprio Concílio testemunhou-se admirável comunhão entre todos os seus membros (Padres de diferentes mentalidades e peritos de várias escolas teológicas), fazendo convergir a liberdade para a unidade e fazendo exprimir a unidade numa legítima multiformidade.

Lembrou-se ainda no Sínodo, citando a famosa expressão de um filósofo, que como Deus não criou o melhor mundo possível, assim não se deve pensar que o Vaticano II seja o melhor Concílio e tenha previsto os sinais dos tempos que depois haveriam de surgir. É claro e pacífico que teve limites de natureza vária.

O que o Sínodo entendeu afirmar é que mesmo as novidades que apareceram nos anos sucessivos encontram no Concílio uma criteriologia evangélica de discernimento, que ainda hoje conserva sua oportunidade profética e permanece plenamente atual. Trata-se da sua ótica pastoral, expressão de sabedoria nesta virada de época.

### Originalidade "pastoral"

O Vaticano II restituiu à dimensão "pastoral" do magistério da Igreja, "cujo caráter — disse o Papa João — é proeminentemente pastoral", profundidade, vigorosa originalidade, realismo no diálogo histórico, procura de interdisciplinaridade e preocupação com a capacidade metodológica.

Repetiu-se várias vezes no Sínodo a importância deste aspecto no papel do magistério e na apresentação da doutrina da fé.

Esse insistente destaque veio sacudir um modo muito estático e abstrato de considerar as verdades da fé, e provocou um salto de qualidade nos esforços teológicos, talvez com alguns exageros perigosos, excessivos ou redutivos, mas orientados para dar maior relevo ao caráter salvífico da verdade revelada.

A "Gaudium et Spes" é chamada "Constituição pastoral", porque "com base em princípios doutrinais quer expor a atitude da Igreja em relação ao mundo e aos homens de hoje".<sup>2</sup> Não é somente o texto desta Constituição mas todo o Concílio que descobre a originalidade do caráter pastoral. Releiamos as claras afirmações do Papa João, ao definir o escopo do Vaticano II: "Nosso dever não é somente guardar o tesouro precioso (da doutrina católica), como se nos preocupássemos unicamente com a antigüidade, mas dedicar-nos com ágil vontade e sem medo à obra que nossa idade exige: ... o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro, espera um salto para a frente com vistas a uma penetração doutrinal e uma formação das consciências; é necessário que esta doutrina, certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e apresentada de modo que corresponda às exigências do nosso tempo. Uma coisa é o depósito da fé, outra a forma com que suas verdades são enun-

2. cf. Gaudium et Spes, nota 1

ciadas, conservando sempre nelas o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência na sua elaboração".<sup>3</sup>

Há aqui uma visão muito corajosa para uma renovação concreta e delicada.

Não se insinua um dissídio ou uma diferença de nível entre "doutrina" e "pastoral", como se uma tendesse a excluir a outra; afirma-se, antes, uma mútua interação e complementaridade, pela qual a doutrina deve apresentar-se como verdade salvífica atual, e a pastoral como uma aproximação do mundo e como um diálogo com o homem: diálogo que não seja superficial ou sentimental, mas denso de doutrina e força dogmática. A originalidade pastoral proclamada pelo Concílio não só não prescinde do dogma, mas lhe exprime o verdadeiro significado, confirmando sua indispensabilidade e incidência na vida. Com efeito, o dogma, precisamente por ser a verdade de um evento salvífico, deve ser compreendido e amado também pelo homem de hoje: é um dom de Deus justamente para ele. Uma doutrina desenvolvida sem perspectiva pastoral atraíria a sua natureza de verdade feita para o homem e necessária para a sua salvação.

Por outro lado, a pastoral autêntica não muda o dogma, e menos ainda prescinde dele, mas se nutre continuamente dele, contempla-o, assimila-o, fá-lo rejuvenescer. No fundo, o Vaticano II quis justamente isto: percorrer de novo o depósito doutrinal da Igreja para repensar pastoralmente as verdades salvíficas nesta mudança cultural necessitada de nova evangelização.

Tal originalidade torna particularmente atual todo o Concílio. Não o apresenta apenas como definidor da ortodoxia, mas como extraordinária proposta dialógica e profética. É o grande dom do Espírito Santo ao nosso século, apresenta a doutrina da fé de forma nova e mais útil ao mundo em evolução: repropõe a integridade do depósito católico, revestindo-o com acentos de novidade muito incisivos; não define esta ou aquela verdade, mas procura o modo de apresentar ao homem de hoje a totalidade do patrimônio da fé. Não se encontra no Concílio nenhuma nova definição dogmática nem condenação de novo erro.

Como disse com acuidade o card. Garrone, o Concílio fez emergir a mais genuína característica da fé cristã, a de apresen-

3. Alocução de 11 de outubro de 1962

tar-se com um constante caráter de novidade: “nihil novi et omnia nova” (tudo é novidade, embora não haja no Concílio uma definição nova)!

Eis a grande renovação proclamada pelo caráter “pastoral” do Vaticano II.

Esse aspecto traz para nós importantes conseqüências. A nossa é uma vocação toda impregnada da caridade pastoral, que nos faz evangelizadores dos jovens na área da educação.

A educação faz parte do vasto mundo da cultura, onde, infelizmente, se nota hoje grave ruptura e separação do Evangelho. Já de si mesma, a educação exige, não poucas qualificações pedagógicas, constante e inteligente atenção à evolução cultural. Mas se se quiser educar evangelizando, ou seja, fazendo realmente “pastoral”, é preciso assumir também as múltiplas exigências de uma evangelização “nova”. Pois tais exigências são apontadas pelo Vaticano II, que deseja uma pastoral feita de precisão na fé, segurança e fidelidade na doutrina, percepção da atualidade, sentido dialógico e genialidade na comunicação.

### **Centralidade do “Mistério”**

A primeira e mais profunda preocupação do Sínodo foi a de dar prioridade absoluta à visão conciliar da Igreja como “mistério”.

Em vinte anos, prosperaram algumas interpretações ideologizantes e algumas atitudes superficiais e da moda que — de um modo ou de outro — pretenderam antepor-se à natureza genuína e à missão histórica da Igreja como Povo de Deus. Ouviram-se no Sínodo vários testemunhos de regiões mais atingidas pela secularização, de continentes onde ferve o processo de libertação e de regiões mais sensíveis à inculturação.

Considerou-se perigo realmente grave apresentar a Igreja como esvaziada do mistério de Cristo, centro vivo no qual brilha e do qual se efunde a plenitude do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Cristo é a verdadeira luz dos povos (“Lumen gentium”!); sua Páscoa está no centro da liturgia celebrada pela Igreja peregrina na história para crescer como seu Corpo: sua encarnação junta de maneira íntima e definitiva o divino e o humano.

Todavia, a prioridade do mistério, tão fortemente reafirmada, não levou o Sínodo a privilegiar uma transcendência vertical com prejuízo da linha conciliar que celebra a presença e o serviço da Igreja no mundo. Ao contrário! Justamente a consideração aprofundada do mistério de Cristo exige ainda mais clara e generosa solicitude da Igreja pelo homem, suas necessidades, dificuldades, opressões, anseios. Mas o mistério exige um tipo de presença e uma modalidade de missão que não se pode confundir com projetos históricos dos pensadores ou dos políticos, nem se propõe como alternativa imanente a nenhuma atividade e profissão humana (nem cultural, nem econômica, nem política). Não se trata de uma missão simplesmente temporal, com perspectiva apenas horizontal; trata-se, ao invés, de muito original inserção "pastoral", que é iniciativa do amor de Deus para a salvação integral do homem.

Quanto mais a Igreja se preocupa com o homem, tanto mais deve fazê-lo segundo a missão peculiar que deriva da sua caridade pastoral.

Voltar-se decididamente para o homem traz consigo os problemas complexos da encarnação, que poderiam facilmente introduzir desvios. De aí a indispensável e quotidiana custódia que os fiéis devem ter da identidade pastoral estreitamente cônsona com uma ação da Igreja.

### **Guarda da identidade**

Para garantir essa verificação e crescer constantemente nela, é indispensável haurir continuamente nas fontes do mistério. Essas fontes são duas: a Palavra de Deus e a Liturgia.

Aí está, pois, a importância de ouvir assiduamente, antes do mais, a Palavra de Deus, segundo as indicações conciliares da "Dei Verbum" sobre a revelação divina e sua transmissão nos séculos. Deve-se "a obediência da fé"<sup>4</sup> a esta Palavra.

É o caso de recordar aqui a importância fundamental da Tradição e o papel indispensável do Magistério, dado de presente por Cristo à sua Igreja, para garantir-lhe autenticidade na interpretação: não acima da Palavra, mas a seu serviço. "Fica, portanto, claro — diz o Concílio — que, segundo o sapientíssimo

4. cf. Rm 16,26

plano divino, a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja estão de tal maneira entrelaçados e unidos, que um não tem consistência sem os outros, e que juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas”.<sup>5</sup>

Quanto à Liturgia, é preciso dizer que sua expressão suprema é a Eucaristia. Ela gera todos os dias a Igreja como Corpo de Cristo na história. Ela é a fonte inexaurível de uma caridade pastoral autêntica.

Além disso, o sacramento da Penitência representa o constante esforço de retificação e conversão. Não é possível conservar e crescer na identidade cristã e realizar atividades genuinamente pastorais no mundo sem distorções temporais, se não se fizer constante confronto com Cristo, com participação pessoal no sacramento da conversão e da reconciliação.

Se não haurimos constantemente nas fontes da Palavra de Deus e da Liturgia, enfraquece-se e abala-se muito facilmente a originalidade própria da missão da Igreja.

O Sínodo colocou precisamente esse título na sua “Mensagem” e no seu “Relatório final”: “A Igreja, sob a guia da Palavra de Deus e com a celebração dos mistérios de Cristo, insere-se no mundo para salvá-lo”.

### **Empenho pela santidade**

A importância dada pelo Sínodo ao “mistério” da Igreja traz consigo uma consideração mais atenta da natureza “sacramental” da Igreja: o mistério torna-se sacramento no Povo de Deus, em cada um de nós. É necessário exprimir existencialmente, em nossa vida e no dia-a-dia, as riquezas do amor-caridade trazido ao mundo por Cristo. As celebrações dos sete sacramentos e de toda a liturgia devem transformar-nos em “Sacramento de salvação” entre os homens. O que é Cristo para o mundo, devem sê-lo todos os seus discípulos na própria vida de cada dia.

Eis por que o Sínodo lançou com extrema urgência um forte apelo à santidade: o mistério deve fazer-se sacramento na santidade dos cristãos. Urge recuperar o conceito de “santidade”, fazendo-o entrar no devir quotidiano; é preciso esclarecer o

5. Dei Verbum 10

significado concreto do Batismo como vocação de todos à santidade;<sup>6</sup> mais do que heróica “exceção”, a santidade deve ser considerada como expressão de “normalidade” cristã.

A aplicação do Vaticano II exige com veemência nestes anos um genuíno empenho pela santidade; o mundo tem necessidade de testemunhos sobre a presença salvífica de Deus; a insubstituibilidade do sagrado, a centralidade da adoração e da dimensão contemplativa, a necessidade da oração, a importância da conversão e penitência, os valores da doação de si no sacrifício, os ideais de caridade e justiça, a transcendência divina nos próprios empenhos humanos, sobre a inseparabilidade do mistério da cruz do da criação e da encarnação.

Este ardente apelo a uma santidade no dia-a-dia que é vocação e tarefa de todos os fiéis, tem necessidade de modelos: os clássicos de ontem e os vivos de hoje.

As figuras de Maria, dos Apóstolos, dos Mártires, das Virgens e dos Confessores nos diferentes estados de vida, devem ser relidas como modelos de conduta hoje. Em tempos difíceis, em horas de transformação e tendo em vista o futuro que construir, melhor condiz com os cristãos o saber testemunhar uma santidade para os tempos novos do que imergir nos entusiasmos caducos de modas temporais.

O Sínodo sublinha de modo particular o papel que, a respeito, compete com urgência aos membros dos Institutos de vida consagrada. Todo o Povo de Deus espera perceber que eles, com clareza e sem nivelamentos secularistas, testemunham “de modo esplêndido e singular que o mundo não pode ser transfigurado e oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças”.<sup>7</sup>

Devemos acatar, queridos irmãos, esse apelo do Sínodo, lembrando que a proclamação das bem-aventuranças é “missão especial dos Religiosos na Igreja de hoje”, como um convite a testemunhar publicamente (sem paliativos) e com coragem (sem complexos) o projeto evangélico que professamos na qualidade de Salesianos de Dom Bosco.

Sabemos já com clareza e certeza o que a Igreja quer de nós hoje.

O Espírito de Deus, que presenteou nossos tempos com o dom precioso do Concílio e nos visitou e acompanhou no intenso

6. Lumen Gentium, cap. 5.º

7. Lumen Gentium 31

trabalho dos últimos três Capítulos Gerais, nos pede, mediante este Sínodo Extraordinário, que nos dediquemos com todas as forças a viver quotidianamente o que prometemos. Leiamos novamente com atenção a circular sobre "Dom Bosco Santo", escrita para lembrar o 50.º aniversário da sua canonização.<sup>8</sup> A leitura nos fará bem.

A Igreja indica decididamente esta rota para que a sigamos: não temos outro caminho ou outra órbita que percorrer.

Estou intimamente convencido de que só se nos dedicarmos com sinceridade e constância a tal empenho terá ainda um sentido atual o carisma de Dom Bosco para os jovens. Durante o Sínodo pensei muitas vezes que somente dentro dessa lealdade eclesial é que se abrirão horizontes verdadeiros e fecundos para nossa vocação.

### **Comunhão e multiformidade**

Ao aprofundar o mistério da Igreja, o Sínodo atribuiu importância central e fundamental à realidade da "comunhão". Um tema derivado do mistério trinitário e da doutrina eclesial do Corpo místico de Cristo. Ainda que a comunhão tenha aspectos institucionais e critérios humanos para sua organização, não cabe primariamente à sociologia mas propriamente à teologia indicar-lhe os vários conteúdos e determinar-lhes as exatas consequências. Nessa linha aprofundou-se a modalidade peculiar e atípica da colegialidade na Igreja, a sua projeção sobre as Conferências episcopais, sobre os critérios de participação, co-responsabilidade, descentralização e subsidiariedade. Ao confrontar mutuamente a Igreja universal com as Igrejas particulares, individuou-se com clareza o princípio teológico da variedade e multiformidade na comunhão da única Igreja de Cristo, sem condescender com os perigos de um pluralismo dissolvente.

É útil sublinhar esse aspecto, porque ele se reflete, ainda que de forma parcial e analógica, na vida descentralizada e multiforme da nossa Congregação já presente nas diversas culturas dos vários continentes.

A ótica para considerar as relações das Igrejas particulares com a Igreja universal parte da unidade do mistério presente na

8. Atos do Conselho Geral, n. 310, outubro-dezembro 1983

Igreja Católica: um só Cristo, um só Espírito, um só Batismo, uma só Eucaristia, um só Colégio episcopal em comunhão hierárquica com o Papa. Essa unidade, porém, é vivida na multiformidade dos carismas, na diversidade dos ministérios, na multiplicidade das pessoas, na variedade dos lugares onde as comunidades celebram a liturgia, nas diferenças pastorais com que os Bispos guiam tantas comunidades de culturas várias.

A medida da autenticidade de uma Igreja particular é tomada dos valores de unidade próprios da Igreja universal: “a Igreja una e universal está verdadeiramente presente em todas as Igrejas particulares — diz o texto sinodal —, e elas são formadas à imagem da Igreja universal, de tal modo que a Igreja Católica, una e única, existe nas Igrejas particulares e a partir delas”.<sup>9</sup>

A multiformidade eclesial, que demonstra vitalidade e riqueza, é construída sobre os valores de unidade e de unicidade próprios do mistério de Cristo presente na Igreja Católica, fundada sobre o ministério de Pedro e dos Apóstolos.

O pluralismo, ao invés, parte de uma ótica reversa (ou seja do particular para o universal) e traz consigo o perigo de distorções, separações, provincialismos, nacionalismos até chegar ao cisma. A ótica centrífuga do pluralismo erige as diferenças culturais em parâmetro de juízo para adaptar os valores da unidade presentes na Igreja universal, mudando-os até em seus conteúdos.

Quando se fala de indispensável processo de “inculturação”, deve-se excluir tanto uma simples adequação ao mundo como se seus sinais dos tempos coincidissem com a Revelação, quanto um fechamento defensivo como se o depósito da fé se identificasse com a forma cultural com que foi expresso até agora. A pastoral da Igreja procura sempre uma comunhão viva e fiel, permanecendo aberta a todos os valores humanos, de modo a assumi-los e defendê-los em cada nação.

Na comunhão eclesial, as diferenças ministeriais e carismáticas não indicam maior ou menor grau de dignidade, mas uma particular e exigente função de serviço e testemunho; e as diferenças de forma e de ritos reforçam e embelezam a unidade com a variedade e as múltiplas contribuições das culturas humanas entendidas como reunião harmoniosa dos povos na única Família de Deus.

9. Relatório final, II, C, 2

O grande desafio atual para a inculturação da fé, nesta virada da humanidade, é saber penetrar os núcleos vitais das culturas, partindo da unidade do Evangelho, e levando em consideração os dinamismos de aceleração da história: “nasce daí, imenso, um complexo novo de problemas que provoca novas análises e sínteses”.<sup>10</sup>

É mais urgente do que nunca a inventividade pastoral de uma “nova evangelização”, capaz de superar as crescentes distâncias entre as civilizações humanas e a fé cristã, impregnando de Evangelho todas as culturas, sem submeter-se a uma delas.<sup>11</sup>

A luz destes critérios conciliares lembrados no Sínodo, podemos compreender e realizar melhor quanto nos dizem as Constituições: “O carisma do Fundador é princípio de unidade da Congregação e, por sua fecundidade, está na origem das maneiras diversas de viver a única vocação salesiana. A formação, portanto, é ao mesmo tempo unitária nos conteúdos essenciais e diversificada nas expressões concretas. Acolhe e desenvolve tudo o que as várias culturas contêm de verdadeiro, nobre e justo”.<sup>12</sup>

### Dádiva aos jovens

Os jovens estiveram acentuadamente presentes no Sínodo, não só pelo interesse e pelas longas e comoventes vigílias de oração que fizeram para o bom êxito deste evento eclesial, mas também porque os sinodais e o próprio Santo Padre referiram-se a eles como aos melhores portadores da graça do Vaticano II para o terceiro milênio.

O cardeal Eduardo Pironio quis sublinhar, na sua intervenção no plenário, a feliz coincidência do desenvolvimento do Sínodo com o “ano internacional da juventude”. O Sínodo devia, por isso, olhar os jovens de modo preferencial. São eles — dizia o cardeal — os principais protagonistas da desejada construção de nova civilização da verdade e do amor.

Alguns Bispos fizeram notar que em várias regiões há jovens que não conhecem a Igreja e não são atraídos a ela porque não vêem nela o “Corpo de Cristo”: nutrem simpatia para com Jesus mas quase em contraste com a Igreja. Em muitas regiões pesa o grave perigo de uma evangelização insuficiente das novas gerações: entretanto a juventude constitui a parte numericamente maior de muitos povos.

10. Gaudium te Spes 5

11. cf. Evangelii Nuntiandi 20

12. Constituições 100

Observou-se também que surgiram movimentos espirituais e apostólicos que atraíram a juventude e que, se bem inseridos na pastoral das Igrejas particulares, abrem novos horizontes para as esperanças.

No documento conclusivo, o Sínodo afirma explicitamente: "O Concílio considera os jovens como esperança da Igreja (cf. GE 2). Este Sínodo dirige-se a eles com predileção e grande confiança: muito espera de sua generosa dedicação; exorta-os imensamente a tomar parte ativa na missão da Igreja, assumindo e promovendo com operosidade dinâmica a herança do Concílio".<sup>13</sup>

Eis um apelo sinodal, que devemos considerar como dirigido particularmente a nós, queridos irmãos, para nós que somos chamados a ser "missionários dos jovens". Sintamo-nos interpelados a nos tornarmos transmissores válidos das riquezas conciliares à juventude de hoje.

Alarguemos nossos horizontes pastorais e orientemos a atenção e os ideais dos jovens para os grandes temas do Vaticano II, assim como o Sínodo os relançou. É necessário que nós por primeiro intuamos e aprofundemos o significado pentecostal do Concílio, para depois transmiti-lo a eles: é a grande órbita do percurso eclesial nos próximos decênios. Na aurora de nova época histórica, o Concílio é a grande profecia da Igreja que, no Espírito, se torna Mãe e Mestra de uma nova evangelização da humanidade. Não são, estas, apenas palavras altissonantes, mas a grande "graça" dada por Deus ao nosso século para um novo começo cristão.

Estivesse Dom Bosco entre nós, havia de alegrar-se intensamente e concentraria toda a sua caridade pastoral, a sua genialidade pedagógica e o seu incansável espírito de iniciativa nesta grande empresa eclesial entre os jovens. Somos os herdeiros de sua missão. Ponhamo-nos de boa vontade a realizá-la.

Lembremos as palavras do antigo profeta: "Ele (o Senhor) revigora o extenuado e conforta grandemente quem desfalece. Os jovens se fatigam e cansam, os moços chegam a tropeçar. Mas os que confiam em Javé se revigoram e criam asas como águias, correm sem cansaço e caminham sem fadiga".<sup>14</sup>

13. Relatório final, II, C. 6

14. Is 40,30-31

— Quero terminar estas reflexões, voltando o olhar e o coração para a Virgem Auxiliadora, Mãe da Igreja.

O Vaticano II encerrou-se num 8 de dezembro, festa da Imaculada; o Sínodo extraordinário encerra-se também neste 8 de dezembro, no qual lembramos o primeiro aniversário da promulgação das nossas Constituições renovadas segundo o Vaticano II.

8 de dezembro é data memorável, no primeiro início da nossa missão como em tantas outras iniciativas e dons para a nossa Família.

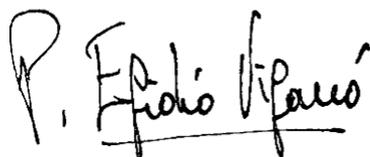
Pois bem: esta carta, pensada e escrita justamente no clima da festa da Imaculada, nos sirva a todos nós para sublinhar o aspecto mariano tanto do Concílio como deste Sínodo e para ver nos respectivos documentos um apelo de Maria, Esposa do Espírito Santo e Rainha dos Apóstolos, que nos convida a relançar conciliarmente o carisma de Dom Bosco entre os jovens de hoje, numa Igreja que, à luz da Palavra de Deus e celebrando os mistérios de Cristo, se insere no mundo para salvá-lo.

Repetimos com o Papa a sua bela oração deste 8 de dezembro na *piazza di Spagna*: “A ti, ó Mãe, entregamos com imensa confiança os frutos e os resultados do Sínodo! Torna eficaz nas almas, mediante a tua intercessão, a mensagem do Sínodo, de modo que possam ser atingidas suas finalidades e a renovação conciliar possa ser redescoberta com lealdade, aprofundada com fidelidade, realizada com coragem, apresentada e divulgada com entusiasmo e credibilidade”.<sup>15</sup>

Que essa oração, queridos irmãos, se traduza para todos em ação: os jovens esperam de nós o presente do Concílio!

Uma cordial saudação e um tudo-de-bom para cada um de vós.

Vosso af.mo em Dom Bosco

A handwritten signature in black ink, reading "P. Egidio Viganò". The signature is written in a cursive, slightly slanted style. The "P." is at the top left, followed by "Egidio" and "Viganò" on the same line. A horizontal line is drawn under the name "Viganò".

15. Osservatore Romano, 10 de dezembro de 1985

## 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

---

### 2.1 A "RATIO" 1985, 2.ª EDIÇÃO

Pe. Paulo NATALI

**Conselheiro Geral para a Formação**

*A Formação dos Salesianos de Dom Bosco (FSDB: Ratio Fundamental Institutionis et Studiorum) saiu em 2.ª edição e foi promulgada pelo Reitor-Mor em 8 de dezembro de 1985, juntamente com Criteri e norme di discernimento vocazionale salesiano. Le ammissioni.*

Parece oportuno indicar os motivos e os aspectos mais relevantes desta edição que vêm à luz transcorridos apenas quatro anos.

#### 1. Os motivos da reelaboração

Dois motivos levaram à reelaboração, aliás, vasta e profunda da *Ratio*: A promulgação do novo Código de Direito Canônico, das Constituições e Regulamentos da nossa Sociedade; e as contribuições provenientes de toda a Congregação baseadas na experiência desses anos.

A principal razão encontra-se na própria natureza da *Ratio* assim descrita nos Regulamentos Gerais: "A *Ratio* expõe e desenvolve de maneira orgânica e didática o conjunto dos princípios e de normas da formação que se encontram nas Constituições, nos Regulamentos Gerais e em outros documentos da Igreja e da Congregação" (Reg. 87). Esta descrição evidencia a estreita relação existente entre o nosso documento e os textos normativos da Igreja e da Congregação. A revisão última do texto das Constituições e dos Regulamentos, realizada pelo CG22, e a promulgação do Código de Direito Canônico, ocorrida em 25 de janeiro de 1983, comportavam necessariamente a atualização da *Ratio*, que deles extrai os princípios e normas; tais documentos tornavam-se também critérios e conteúdos fundamentais da própria reelaboração.

Houve portanto uma contribuição efetiva de colaboração que os vários setores diretamente interessados na ação formativa, os peritos, as reuniões adequadamente orientadas sobre temas referentes à formação salesiana ofereceram com observações e sugestões, demonstrando, seja a bondade substancial do texto, seja a necessidade de uma intervenção ulterior para atualizá-lo e aperfeiçoá-lo.

## 2. Aspectos de maior relevo na reelaboração

As Constituições estão na base das principais novidades de conteúdo e de impostação desta 2.<sup>a</sup> edição da *Ratio*, que conserva uma continuidade básica com a 1.<sup>a</sup>. As alusões que lhe fazemos introduzem a uma leitura mais imediatamente compreensível do texto e de suas variações.

### 2.1 *Uma norma fortemente motivada e baseada sobre a natureza da vocação*

A formação é um processo fortemente motivado pela natureza religiosa apostólica da vocação salesiana. Ela determina objetivos, estruturas, métodos e funções. É o que afirma o art. 97 das Constituições: “A natureza religiosa apostólica da vocação salesiana determina a orientação específica da nossa formação, necessária para a vida e para a unidade da Congregação”.

O cân. 646 reforça esta perspectiva e, falando do noviciado, que é justamente a estrutura em que se inicia a experiência religiosa, apresenta-o “destinado a fazer com que os noviços conheçam melhor a vocação divina, a vocação própria do instituto, façam experiência do modo de viver do instituto, conformem com o espírito dele a mente e o coração”. A estrutura vem, portanto, determinada e orientada pelo valor da vocação específica.

Este critério, que já presidia a composição da *Ratio* de 1981, foi acolhido pela Congregação com favor e fica confirmado na edição de 1985.

Exige-o a própria natureza do documento (Reg. 87), em que princípios e normas devem unir-se entre si de modo “orgânico”, isto é, de maneira que os primeiros sejam a base dos segundos e estes recebam dos primeiros o seu valor humano, religioso,

salesiano. Devem ser não somente indicados, mas desenvolvidos de maneira “didática”, de modo que possam ser melhor compreendidos em sua força e autoridade.

Exige-o a nossa tradição educativa que se inspira no Sistema Preventivo que leva a realçar o diálogo, a troca, a motivação, a partir das energias interiores direcionadas para um projeto de vida. Ao jovem em formação torna-se assim possível viver na liberdade a obediência às normas.

## *2.2 Um processo formativo centrado na identidade vocacional*

A *Ratio* de 1985 apresenta um processo formativo que tem o eixo na identidade vocacional salesiana, em seus elementos constitutivos e na “formação permanente” como atitude pessoal e contínua de resposta ao chamamento do Senhor.

O Espírito Santo chama o salesiano e dá-lhe uma graça especial de unidade para viver o dinamismo da ação apostólica e a plenitude da vida religiosa em um único movimento de caridade para com Deus e para com o próximo.

A *Ratio* retoma e desenvolve os elementos constitutivos e inseparáveis desta identidade: A missão apostólica, a comunidade fraterna e a prática dos conselhos evangélicos; e as formas diversas (presbiteral, diaconal, laical) em que é vivida.

Estes elementos, o destaque de alguns de seus aspectos, sua unidade e relações são determinados conforme definiram as Constituições. Pode-se observar as arestas um pouco diversas em relação à FSDB de 1981 que indicava os aspectos da formação em três dimensões: religiosa, apostólica, salesiana, interagentes na unidade da experiência.

Da identidade vocacional, que é dom e compromisso, portanto, encaminha-se o processo formativo e a ela constantemente se refere. A formação tende exatamente a tornar real nas pessoas e na comunidade o dom desta mesma identidade. Atravessa todo o texto e gera a unidade. Privilegia o critério para individualizar as atitudes a possuir, os comportamentos e as virtudes a assimilar (cf. o cap. 3.º).

Como é na origem da unidade de vida do salesiano, assim é na origem da unidade de estrutura do projeto que trata da sua formação.

### 2.3 *Um processo formativo que promova mais eficazmente a unidade de vida do salesiano*

A consagração apostólica salesiana é uma experiência unitária de vida que não deriva da abstração de um conceito, mas do testemunho de um modelo, a vida de Dom Bosco. Formar-se conforme o seu espírito é harmonizar em unidade vital (Const. 102) amadurecimento humano, preparação intelectual, aprofundamento da vida consagrada, inserção no trabalho apostólico. O processo formativo é unitário, sempre global e dinamicamente presente em seus elementos. Estes comunicam em troca contínua de mútua influência. Comprometer o objetivo de uma fase quer dizer tornar incerto e desequilibrado o próprio processo; faltar ao compromisso pessoal de maneira a impedir a assimilação de alguns valores quer dizer arriscar a imperfeição, a desarmonia da pessoa e a ineficácia da sua missão.

Também os elementos culturais, que emergem da vivência da vocação salesiana, são reunidos e ordenados num conjunto que, como se exprime o art. 82 dos Regulamentos, harmoniza “as exigências da seriedade científica com aquelas da dimensão religiosa apostólica do nosso projeto de vida”.

“A vocação salesiana exige uma mentalidade pastoral e pedagógica que torna operativa somente em força de um saber unificado” (FSDB, n. 211). Esta mentalidade é requerida pela unidade da pessoa e da existência do salesiano; da unicidade de seu fim vocacional; da natureza da práxis educativo-pastoral própria da sua missão; da história em que ele vive e opera. É uma mentalidade que nasce da síntese ativa dos conteúdos próprios das disciplinas da fé, da filosofia, das ciências humanas e da educação onde cada grupo é autônomo e necessário, mas ninguém, por si só, é suficiente.

### 2.4 *Um projeto de formação estruturalmente mais unitário*

Pode-se observar como a *Ratio* de 1985 apresenta um projeto de formação estruturalmente mais unitário. Nele a formação intelectual está melhor integrada no processo formativo global.

Cada uma das disciplinas está determinada em sua especificidade, mas ainda se determinam as suas possíveis relações em vista das finalidades a alcançar.

Neste contexto é vista e valorizada a inserção da “Formação intelectual” dentro da Parte que trata da “Formação em geral”, como sua secção e componente integrante. Sempre neste contexto é vista e valorizada a unidade funcional de quanto se diz da natureza de cada uma das partes, dos seus objetivos e da experiência formativa correspondente com o que é exigido de cada uma pela ordenação dos estudos.

A fase formativa propõe-se desse modo com maior evidência em sua unidade e organicidade, e os elementos que a compõem são melhor integrados entre si e reconhecidos em sua utilidade.

O “Apêndice I” transfere para o final do texto os currículos dos estudos. Tirou-se da “lista dupla” existente na edição de 1981, uma dentro do texto, a outra bastante mais ampla, entre os “apêndices”. Apresenta-se uma só com estas características:

— As disciplinas passando de fase em fase revelam sua unidade e progressão homogênea em vista do objetivo a atingir;

— Os currículos são indicativos, todavia mais perto do que antes daquilo que julgamos irrenunciável, embora admitindo variações estudadas, inspiradas pelo próprio ambiente cultural.

— Não há indicações de subsídios: Seriam logo superadas pelo progresso das ciências e, em todo caso, poderiam considerar-se subjetivas, na média em que o é toda escolha, mesmo de valor.

### *2.5 Um projeto formativo em que a unidade e multiformidade são melhor e mais seguramente integradas*

Também neste caso, inspirando-se na Const. 100, reportamo-nos à identidade, ao carisma do Fundador, que é princípio de unidade, mas que está ao mesmo tempo na origem “dos diversos modos de viver a única vocação salesiana” (Const. 100). Deduz-se daí uma formação “unitária nos conteúdos essenciais e diversificada nas expressões concretas” (Const. 100). Nele preside o critério explícito enunciado pelas Constituições: Acolher e desenvolver tudo o que há de verdadeiro, nobre e justo nas várias culturas.

Outros critérios, além deste central, que serve de matriz, acompanham a unidade e a multiformidade do processo formativo, dinamizam e harmonizam constantemente o relacionamento, a tensão positiva e o equilíbrio.

## 2.6 *Uma maior insistência no aspecto metodológico*

A *Ratio/1985* insiste mais que a anterior no aspecto metodológico.

As Constituições, nos arts. 98 e 99, chamam a atenção sobre algumas linhas do método: A centralidade da experiência pessoal, porque não nos formamos a não ser fazendo experiência dos valores da vocação e a descrição da própria experiência como conhecimento vital, diversa daquela simplesmente intelectual. Isso se obtém em contato com a realidade, no compromisso direto com o trabalho, nas relações que isto pressupõe e produz, “vivendo e trabalhando para a missão comum” (Const. 99).

O aspecto metodológico da *Ratio* parte destas linhas e as desenvolve mais, certamente, que na edição precedente. Isso se encontra no cap. 3.º onde, em dependência do cap. 2.º, se ordenam melhor e se determinam os “valores e comportamentos” a interiorizar, e se indicam, embora em geral, as “atividades” através das quais, em certas condições, se pode fazer experiência. Encontra-se sobretudo no cap. 4.º, em que os conteúdos são linhas de método, operadores, ambientes e condições para a assimilação dos valores vocacionais. Ainda na 3.ª Parte, que passa de período em período e de fase em fase para fazer crescer progressivamente o salesiano educador pastor dos jovens, a atenção ao método está sempre presente e operativamente mais desenvolvida.

A atenção e a preocupação por uma metodologia concreta tinham sido solicitadas também pelo Reitor-Mor numa passagem de seu discurso de introdução ao CG22: “O interesse, dizia, os compromissos e também as conseqüentes dificuldades deslocar-se-ão da penetração e esclarecimento dos princípios à pesquisa de uma metodologia concreta de encarnação, de per si mais em consonância com o nosso gênio carismático, muito embora sempre delicada e bastante exigente na práxis” (CG22 — Documentos p. 24).

## 2.7 *Alguns conteúdos importantes ampliados, renovados, evidenciados*

A *Ratio/1985* renova e amplia alguns conteúdos importantes. Dirige, entre outras, uma particular atenção à oração, à formação inicial, à formação específica do salesiano sacerdote, diácono e coadjutor.

— *A oração pessoal e comunitária*, com as suas formas próprias, inspiradas no carisma e na tradição e renovadas pela acolhida das orientações da Igreja, foi intencionalmente colocada pelo CG22, nas Constituições, em conclusão do projeto de vida consagrada do salesiano, quase a indicar que por ela este projeto se vivifica e se realiza. Nem tudo vem daí deduzido, mas daí tudo depende.

Esta escolha, as conclusões do encontro de estudo sobre “Liturgia e música nella formazione salesiana” (Roma, 1984) e as múltiplas observações provenientes levaram a revisar com certa amplidão os conteúdos já antes presentes, pelo menos em parte, a integrá-los, a dispô-los na ordem devida para o significado que possuem, a evidenciar as relações de modo que a vida do salesiano encontre a riqueza de uma oração específica e a oração encontre eficazmente a sua vida.

A oração é, pois, sentida como elemento dinâmico insubstituível da experiência vocacional. A oração anima toda a vida da comunidade e do salesiano e sem ela as relações diretas com as pessoas e a realidade, de que nasce a experiência dos valores vocacionais, é como se não estivessem elas mesmas completas faltando a percepção daquele mistério que permite encontrá-las em sua verdade e vivê-las em autenticidade.

— A *Ratio* tem em conta a escola das Constituições e assegura um espaço e uma consideração maior para com a *formação inicial*. Julga-se um caminho que se deve privilegiar:

- porque garante “o espírito” e “o sentir comum” a partir do qual todo o resto deve ser empreendido, querido e realizado;
- porque cria a capacidade de um juízo crítico “integral” segundo critérios de ciência e de fé. Sem esta capacidade de reflexão e de discernimento se cairia na repetição mecânica do passado ou na aceitação acrítica de preconceitos conforme a moda do momento;
- porque constrói as condições pessoais suficientes para movimentar-se dentro do trabalho pastoral de modo a fazer dele o ambiente formativo “natural” da própria vocação.

— *As diversas formas da única vocação salesiana* (sacerdotal, diaconal, coadjutor) constituem uma perspectiva permanente que especifica a experiência dos valores da própria vocação: A missão, a vida de comunidade, a experiência dos conselhos evangélicos, a oração e a vida espiritual são vividas todas salesianamente, mas por cada um conforme a dimensão que lhe é própria.

A atenção à identidade salesiana e às formas em que se exprime levou a ampliar e determinar conteúdos, obrigações e estruturas da “Formação específica”. O tema e suas exigências consideradas no cap. 2.º, o capítulo da identidade, que é a matriz de onde se desenvolve toda a FSDB, são retomadas com mais pormenores no cap. 10.º. Objetivos, experiência formativa, áreas a privilegiar e graus desta mesma experiência, a formação intelectual a ela ligada e os currículos que exige, são todos elementos que tiveram maior cuidado e se apresentam mais atingidos e completos.

— A esses temas principais poder-se-iam acrescentar outros, como uma presença mais aprofundada da comunicação social e o realce de instrumentos ou fatos culturais, familiares em nosso ambiente desde os tempos de Dom Bosco e úteis à formação pessoal e à educação juvenil: o teatro, a música e o desporto.

### 3. A 2.<sup>a</sup> edição de “*Criteri e norme di discernimento vocazionale salesiano*”

Com a 2.<sup>a</sup> edição da *Ratio* está o texto reelaborado de *Criteri e norme di discernimento vocazionale salesiano. Le ammissioni*, que é comentário ao cap. 7.º da mesma *Ratio* e se apresenta com um aspecto em certo sentido mais diretivo e pontual.

Na reelaboração seguiram as sugestões para uma impostação mais positiva, mais pedagógica e discursiva, integraram-se conteúdos importantes, foram eliminados alguns já ultrapassados e discutíveis, porém conservou-se também o que, por tradição carismática de Dom Bosco até hoje, foi julgado salesianamente irrenunciável.

### 4. O compromisso das Inspetorias

A 2.<sup>a</sup> edição da *Ratio* e de *Criteri e norme* “traz consigo, para as Inspetorias, dupla fadiga” — escrevia o Reitor-Mor na Apresentação —: “A da revisão do setor formativo no diretório inspetorial; e a da sua atenta e cotidiana aplicação” (FSDB, p. 20).

É uma fadiga ajudada por quanto, no Apêndice II, se diz do diretório inspetorial a respeito dos seus conteúdos e da sua verificação que a *Ratio* mesma julga dever-se fazer “regularmente” (cf. FSDB, p. 285).

## Conclusão

O trabalho de fichamento das contribuições chegadas para a reelaboração da *Ratio* criou por si a impressão de que os Salesianos, particularmente aqueles mais diretamente envolvidos na experiência da formação inicial, reagiram com interesse, utilmente e com grande convergência de indicações, como se se tratasse de coisa própria.

A *Ratio* apareceu como um fato vivo, nascido da história da vida salesiana mesma, da sua reflexão, da vontade de motivar-se e de organizar-se em vista da formação.

Em cima de uma proposta inicial, a do próprio Dom Bosco, a Congregação, vivendo com fidelidade e por isso renovando-se, adaptando-se e habilitando-se, determinou conjuntamente linhas de formação consistentes e, ao mesmo tempo, móveis, de aspecto tão unitário quanto de ser reconhecidas como salesianas em toda a parte e em todo tempo, e tão multiformes que se pode adaptar segundo o tipo de cultura no decorrer dos anos.

Pode-se lembrar o que Pe. Felipe Rinaldi escrevia a respeito de nossas Constituições: "A nossa Sociedade devia saber adaptar-se, no desenvolvimento da própria ação benéfica, às necessidades dos tempos, aos costumes dos lugares: devia ser progressivamente sempre nova e moderna, embora conservando a sua fisionomia particular de educadora da juventude mediante o sistema preventivo, baseado sobre a doçura e bondade paterna... As nossas Constituições, modificando de quando em quando as cores das linhas secundárias, não só não perderão a sua luz primitiva, mas se tornarão sempre mais fecundas de bem" (Pe. Rinaldi, ACS, n. 23, janeiro de 1924, p. 187).

Fiéis à unidade e à criatividade na multiformidade, esperamos que isto aconteça também com a humilde contribuição desta *Ratio*. Seria o texto mais convincente da salesianidade de um documento que, para alcançar os objetivos que se propõe, necessita, como escreve o Reitor-Mor na Apresentação, de "habilidade e inteligência" por parte de todos. Ela é uma contribuição de renovação da nossa Sociedade no setor formativo, a tentativa de um "passar a limpo" para os nossos tempos, que Dom Bosco solicitava incessantemente aos seus discípulos e continuadores até que o Senhor quisesse a Congregação para o serviço dos jovens.

## 2.2 O PROJETO EDUCATIVO PASTORAL

Pe. João E. VECCHI

**Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil**

U

### 1. Uma "norma" para todas as Inspetorias

O art. 4.º dos Regulamentos Gerais pede:

— "Cada comunidade inspetorial, inspirando-se no Sistema Preventivo, elabore o seu projeto educativo-pastoral para responder à situação da juventude e dos ambientes populares.

— Em conformidade com ele, também em nível local e envolvendo todos os membros da comunidade educativo-pastoral, elabore um projeto que oriente todas as iniciativas para a evangelização".

Aquilo que tinha sido um conjunto de orientações operativas do CG21 (cf. CG21, n. 30c, 105a, 127b, 132, 134, 140, 142a) tornou-se "norma". Aquilo que fora objeto de laboriosas reflexões e de intercâmbios agora é considerado um "instrumento" indispensável de qualificação pastoral na linha da identidade. Forma um todo com outras duas solicitações dos Regulamentos que dizem respeito à pastoral:

— a preparação específica do pessoal para as diversas tarefas pastorais (R. 10);

— a obra de animação apoiada em uma reformulação do papel da comunidade religiosa (R. 5) e sustentada por estruturas relativas, particularmente em nível inspetorial (R. 157,5).

Projeto, qualificação, animação (conselhos, equipes) são realidades co-relativas que podem movimentar a comunidade em direção a uma resposta mais aderente às necessidades da evangelização da juventude.

A experiência do sexênio precedente a respeito é satisfatória. A elaboração dos projetos teve uma influência positiva em três sentidos: comunitário, pastoral, salesiano.

Com efeito, as comunidades que, superando as primeiras incertezas inevitáveis, procuraram repensar e organizar a própria atividade, receberam uma influência benéfica: o projeto, favorecendo o encontro e o intercâmbio de avaliações, porém despertando sobretudo os motivos e as preferências inseridas em nossa vocação, revigoraram a vida comunitária. O projeto faz comunidade.

As intervenções educativas foram qualificadas por uma maior clareza de objetivos, uma finalização mais cuidadosa entre o que é instrumental e o que é substancial e, sobretudo, com uma maior convergência operativa, baseada em um quadro referencial comum.

Devendo, portanto, reformular a nossa intervenção para adequá-la às condições juvenis, os irmãos tiveram de voltar às fontes do nosso estilo. A necessidade de elaborar o projeto levou a um aprofundamento do sistema preventivo e da experiência original de Dom Bosco.

## **2. Natureza do projeto educativo pastoral**

O departamento para a pastoral juvenil apresentou, através de subsídios, os elementos e linhas fundamentais para todo projeto que queira considerar-se salesiano. Tais linhas explicitam operativamente os traços de identidade pastoral assinalados nas Constituições. Não é necessário agora deter-nos neles. É suficiente remeter aos textos.

Todavia, o fato de que o projeto seja uma indicação contida nos Regulamentos Gerais e que deva ser elaborado conjuntamente com os textos referentes a outras áreas da vida salesiana (vida comunitária, formação) exige explicações.

A primeira explicação diz respeito à natureza do projeto. É claro que no único bloco de artigos regulamentares que tratam do projeto (4-10), este é considerado como um documento em que a inspetoria formula os critérios, as orientações, as sínteses de conteúdos e métodos e as linhas de ação que se propõe seguir na evangelização cristã dos jovens e dos fiéis confiados aos nossos cuidados.

Resultam imediatamente evidentes algumas conseqüências: o projeto não considera principalmente o desenvolvimento quantitativo (extensão e colocação das obras), mas a qualidade

evangelizadora e educativa de nossas presenças, onde quer que estejamos.

É claro também que tudo o que se refere aos jovens e aos fiéis que nos são confiados é expresso e unificado no projeto mesmo quando em termos organizativos se referisse a papéis diversos (compromisso missionário, comunicação social). Se isso não ocorresse, toda a intenção unificadora do projeto (evangelização, educação, pastoral vocacional) se tornaria vã.

Os subsídios já providenciam e recomendam esta fusão, seguindo as insistências da pastoral moderna, sentida por todos os que nela trabalham: favorecer a unidade do sujeito, da ação e dos objetivos finais.

### 3. As áreas ou dimensões do projeto

Isso ficará ainda mais claro se voltarmos o olhar para os aspectos que, segundo as Constituições e Regulamentos Gerais, o projeto deveria motivar, iluminar e traduzir em termos operativos.

A primeira realidade sobre que o projeto deverá exprimir orientações válidas para toda as presenças está expressa no art. 5 dos Regulamentos: "A atuação do nosso projeto exige, em todos os ambientes e obras, a *formação da comunidade educativo-pastoral*. Seu núcleo animador é a comunidade religiosa".

Tal indicação retoma e traduz em termos operativos o art. 47 das Constituições: "Realizamos em nossas obras a comunidade educativa e pastoral. Ela envolve, em clima de família, jovens e adultos, pais e educadores, até poder tornar-se uma experiência de Igreja, reveladora do plano de Deus.

Nessa comunidade, os leigos, associados ao nosso trabalho, dão a contribuição original de sua experiência e modelo de vida.

Acolhemos e despertamos a sua colaboração e oferecemos a possibilidade de conhecer e aprofundar o espírito salesiano e a prática do Sistema Preventivo.

Favorecemos o crescimento espiritual de cada um e propomos a quem se sente chamado, que participe de maneira mais estreita da nossa missão na Família Salesiana".

Três questões deveriam aparecer resolvidas no projeto:

— como os salesianos propõem envolver ativamente as pessoas que intervêm no trabalho educativo e pastoral;

— como desenvolverão sua obra de animação evangélica (conteúdos, critérios, atividades);

— como (conteúdos, ação) providenciarão acerca da formação profissional e cristã dos adultos que colaboram.

O art. 6.º dos Regulamentos propõe um segundo aspecto do projeto, retomando as indicações contidas nos art. 32-33 das Constituições: *a dimensão educativa*. Esta apresenta-se hoje particularmente necessitada de ser repensada e projetada. Com efeito, em algumas de nossas presenças poderia haver esvaziamento se não encontrasse aquela proposta de valores, aquela linguagem e aquelas expressões que são significativas perante os jovens. Um ponto de partida, à guisa de exemplo, aparece no citado art. 6.º, mas o discurso se abre de acordo com as situações.

Há, portanto, a perspectiva que o art. 7.º dos Regulamentos chama de “núcleo central” do projeto: *a proposta de fé* que deveria traduzir em termos operativos a marca de identidade pastoral expressa nos arts. 34 e 36 das Constituições: Para nós a evangelização e a catequese são a dimensão fundamental da nossa missão” (Const. 34).

O contextos em que se desenvolvem o anúncio e a proposta de fé são diversos. Vão da sociedade em que vigora uma forte religiosidade popular cristã aos contextos em que a maioria dos jovens de que nos aproximamos aderem a religiões não-cristãs. Cabe-nos pensar com cuidado itinerários de anúncio, de propostas e de amadurecimento, procurando que Cristo seja palavra de vida para aqueles que nos ouvem.

A elaboração do projeto confia-se ainda a superação da intervenção que nasce e morre no indivíduo e a tarefa de fazer convergir esforços acolhendo a experiência numa práxis comunitária.

O art. 8.º dos Regulamentos Gerais exige ainda a realização de um outro aspecto que as Constituições apresentam como característica do nosso serviço educativo pastoral: “A animação e promoção de grupos, associações e movimentos de formação e de ação apostólica e social” (cf. Const. 35).

No projeto de toda inspetoria dever-se-á exprimir como, em consonância com as orientações da Igreja local e a condição dos

jovens, se pretende conduzir esta dimensão da nossa pastoral. Explicações exaustivas a respeito disso foram dadas no subsídio n. 9 do departamento: "A proposta associativa salesiana".

Finalmente o art. 9.º dos Regulamentos Gerais pede a inclusão explícita no projeto "*da orientação e da proposta vocacional*". Traduz desse modo em norma pastoral os artigos 6, 28 e 37 das Constituições.

Para inspirar escolhas de critérios, conteúdos e atividades sobre este aspecto há, além de numerosos documentos emanados pelas Igrejas locais, as sínteses do CG21 (cf. n. 106-119) e o subsídio do departamento intitulado "Elementos essenciais para um plano inspetorial de pastoral vocacional".

Ele reúne o que se encontra na Congregação em termos de experiências significativas, animação de comunidades e estruturas de apoio.

O CG22 pediu atenção especial à apresentação e promoção da vocação do salesiano coadjutor. Isso é levado em consideração também no momento de elaborar ou atualizar esta dimensão do projeto (cf. CG22, 9).

Estas dimensões ou aspectos (comunidade, educação, evangelização, experiência associativa, pastoral vocacional) são inseridas nas características e possibilidades de cada ambiente ou iniciativa: escola, oratório, paróquia, escola profissional, associações. Não importa que formalmente se expressem em capítulos diversos ou não, contanto que as perspectivas indicadas estejam presentes nas orientações e na prática.

#### 4. Os pontos de referência

O art. 4.º dos Regulamentos Gerais enuncia pontos que devem presidir a redação do projeto: "Inspirando-se no Sistema Preventivo" e para "responder à situação da juventude e dos ambientes populares". O primeiro responde aos arts. 38, 39 e 40 das Constituições. O *Sistema Preventivo*, além de ser uma inspiração, é também uma "síntese de conteúdos e métodos" (CG21, 80). Possui não só uma palavra própria para o que se refere às atitudes do educador apóstolo, mas também para o que se refere à mesma concepção da pastoral juvenil. "É o nosso modo de viver e de trabalhar para comunicar o Evangelho e salvar os jovens

com eles e por meio deles” (Const. 20). Constitui a raiz da nossa identidade pastoral.

Que isso deverá ser ponto de referência para a redação do projeto significa, em primeiro lugar, que convém lembrar e tornar a propor aos irmãos e a todos os adultos que estão envolvidos ativamente em nossas obras, os princípios que as inspiram e as fontes típicas. Onde isso foi feito como primeiro passo, nasceu o desejo de traduzir nos nossos dias a extraordinária experiência de Dom Bosco.

Significa, além disso, inspirar as orientações e as linhas de ação nos princípios do Sistema Preventivo, inserindo-os no projeto.

Existe entretanto um segundo ponto de referência: *a situação da juventude e dos ambientes populares*. A ele remetemos os arts. 41 das Constituições e 2.º dos Regulamentos: “Nossa ação apostólica realiza-se em pluralidade de formas, determinadas em primeiro lugar pelas exigências daqueles a quem nos dedicamos”.

Esta referência é usada muitas vezes para discutir a colocação das obras. É interessante torná-la presente quando, em obras já estabelecidas, se trata de qualificar a nossa proposta educativa e evangelizadora, adequando-a à mentalidade dos jovens e dos ambientes onde trabalhamos.

## 5. Quem faz o projeto

O art. 4.º dos Regulamentos Gerais, referindo-se ao projeto inspetorial, delega a responsabilidade a “toda comunidade inspetorial”. Sob aparente generalidade, porém, são realçadas algumas indicações precisas em que se tinha insistido no CG21 e nos anos seguintes.

A necessidade do envolvimento ativo de todos segundo as próprias competências, a liberdade de cada inspetoria de pôr em ação as suas diversas estruturas de animação (Conselho, equipes, reuniões de diretores, capítulo inspetorial, comissões especiais), o papel animador, orientador e decisório daqueles que guiam a inspetoria.

O projeto educativo é um texto “obrigatório” que deve guiar a práxis pastoral. Convém pois que à sua formulação se chegue através de um caminho análogo ao que se usa para outros documentos do gênero.

Uma palavra particular exige a responsabilidade do Capítulo inspetorial na elaboração e aprovação do projeto educativo-pastoral da inspetoria. Tal responsabilidade está incluída numa série de indicações constitucionais e regulamentares.

As Constituições, efetivamente, confiam ao CI “estabelecer quanto diz respeito ao bom andamento da inspetoria” (cf. 171,1) e de modo mais específico ainda: “procurar os meios aptos para promover a vida religiosa e pastoral da comunidade inspetorial” (171,2).

Os Regulamentos Gerais conduzem a níveis operativos esta determinação quando ao CI pedem para “sugerir linhas e critérios para projetar e reorganizar as obras da inspetoria” (R. 167,3).

De tudo isso e por analogia a quanto se diz no diretório (Const. 171,4) resulta claro que:

— o CI não somente pode, mas deve, de algum modo, ocupar-se do projeto educativo pastoral; não obstante isso é recomendável a partir dos critérios de participação e co-responsabilidade que devem presidir toda a sua colaboração;

— a modalidade concreta, segundo a qual o CI toma parte na elaboração e aprovação do projeto, não está explicitamente indicada e permanece a critério da inspetoria; esta acionará os seus diversos organismos conforme as próprias possibilidades e conveniências (Conselho, equipes, reuniões de diretores, reuniões especiais).

Conforme o que se disse antes, o CI pode escolher algumas destas modalidades:

— dar as linhas e critérios de projeção para que os organismos para isso delegados elaborem o projeto;

— estudar um texto preparado por uma equipe e fazer modificações eventuais;

— aprovar um texto que tenha chegado já a uma redação final e que seja apresentado para este fim pelo inspetor e seu Conselho.

O envio do projeto inspetorial ao Conselho Geral para a sua aprovação não está prescrito por norma alguma, dado também a natureza do documento. Mas para um conhecimento mais cuidadoso da pastoral das inspetorias, para um diálogo sucessivo entre estas e o departamento, e para uma colheita de experiência da Congregação, convém que cada inspetoria faça chegar ao

Conselheiro para a pastoral juvenil alguns exemplares do próprio projeto.

Quanto ao projeto local a que se refere o mesmo art. 4.º dos Regulamentos Gerais é solicitada a responsabilidade da comunidade local (R. 5), nos termos do art. 47 das Constituições, ou seja, a comunidade educativo-pastoral. Cabe à comunidade religiosa com suas funções e órgãos esforçar-se para que, “em clima de família, delas participem os jovens, os pais e os colaboradores, cada um conforme sua própria função” (R. 5). Para isso convoca R. 184 quando, entre as principais tarefas da assembléia dos irmãos, estabelece: “participar da elaboração do projeto educativo-pastoral” (n. 4).

## 6. Conclusão

O Relatório do Reitor-Mor ao CG22 trata do número de inspetorias que no sexênio precedente elaboraram o seu projeto e das vantagens que esta elaboração trouxe para a inspetoria e para a Congregação: consciência da nossa identidade pastoral, adequação à situação da juventude, convergência operativa no objetivo da evangelização e compreensão comunitária dos desafios e das exigências de hoje, atualização educativa (cf. RRM 170-181).

O projeto, portanto, não é considerado como uma complicação técnica que nada acrescentaria à criatividade, mas como a sua pressão comunitária. É a atuação prática do art. 44 das Constituições: “O mandato apostólico que a Igreja nos confia é assumido e cumprido em primeiro lugar pelas comunidades inspetoriais e locais, cujos membros têm funções complementares, com incumbências todas elas importantes. Disso elas tomam consciência; a coesão e a co-responsabilidade fraterna permitem alcançar os objetivos pastorais.

O inspetor e o diretor, como animadores do diálogo e da participação, guiam o discernimento pastoral da comunidade, para que ela caminhe unida e fiel na atuação do projeto apostólico”.

Muitos valores estão inseridos no trabalho comunitário do projeto pastoral: a co-responsabilidade, a unidade, a fidelidade, a resposta adequada. Mesmo que o caminho do envolvimento, elaboração e atuação não seja livre de dificuldades, convém levar a efeito o empreendimento logo e com decisão.

## 4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

---

### 4.1 Crônica do Reitor-Mor

De 21 a 23 de outubro o Reitor-Mor acompanhou, em nossa Casa Generalícia, os novos superiores eleitos dos Missionários Combianos: Fizeram alguns dias de reflexão para facilitar os vários encontros a nível geral.

Participou do 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos (28 de outubro a 4 de novembro).

Em 1.º de novembro abriu o Encontro Europeu das Responsáveis e Formadoras VDB em Frascati.

Em 8 do mesmo mês deixou Roma, com os demais membros do Conselho Geral (Pe. Natali, Pe. Vecchi, Pe. Cuevas e Pe. Britschu), indo a Lião, onde ocorreu a "visita de conjunto" para as três Inspetorias de língua francesa da Europa. No dia 11, retornava à sede e aí permanecia até o dia 22, quando, com o Conselho, se transferia para Catânia para a festa anual do Reitor-Mor.

De volta a Roma, participou do Sínodo Extraordinário dos Bispos (24 de novembro a 8 de dezembro).

### 4.2 Crônica do Conselho Geral

Depois de três meses de empenhado trabalho, consumido nas viagens em visitas de animação das comunidades, todos os Conselheiros retornaram a Roma, pelos fins de

outubro, para participar do 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos e para estar prontos para a sessão plenária do Conselho, que se iniciou em 5 de novembro de 1985 e se prolongou até 10 de janeiro de 1986.

Como sempre, algumas sessões plenárias foram dedicadas a problemas particulares referentes às comunidades e aos irmãos: entre estes são lembrados as nomeações dos responsáveis pelo governo nos conselhos inspetoriais, a abertura de novas casas e atividades, a aprovação de planos de desenvolvimento pastoral e de construções de diversas Inspetorias.

Contudo, a maior parte das reuniões do Conselho foi empenhada na reflexão sobre temas prioritários para a animação da Congregação e em algumas observâncias exigidas pelas Constituições. Lembramos aqui esquematicamente os principais argumentos que foram objeto do trabalho do Conselho.

1. *Exame dos relatórios das Visitas Extraordinárias* realizadas pelos respectivos Conselheiros regionais às Inspetorias de Medellín (Colômbia), Recife (Brasil), Manila (Filipinas), Wrocław (Polônia). Ancona (Itália): do relatório dos Visitadores e da reflexão do Conselho Geral emergiram as orientações que o Reitor-Mor transmitiu aos Inspetores e aos irmãos de cada Inspetoria.

2. *Nomeações dos Inspetores:* após ter considerado as consultas

promovidas nas respectivas Inspetorias e após um sério discernimento, o Conselho Geral deu o consentimento para a nomeação de seis novos Inspetores.

3. *Preparação para 1988*: foram tomadas novamente em exame algumas das iniciativas para promover, em âmbito mundial, o centenário de 1988. Em particular, decidiu-se constituir uma "Comissão Central 88" (à qual farão referências as Comissões Inspetoriais e locais) que cuidará da preparação e da coordenação das iniciativas em nível mundial.

4. *Critérios gerais para a preparação e impoção das Visitas de conjunto*: com referência às prioridades estabelecidas pelo CG22 para o sexênio em curso e considerando a experiência feita no sexênio anterior, foram estabelecidos alguns critérios referentes seja à caminhada de preparação seja ao desenvolvimento das "visitas de conjunto" que terão lugar em 1986 e 1987.

5. *Regulamento dos Cooperadores Salesianos*. Do Congresso Mundial dos Cooperadores, através da Comissão pós-capitular sucessiva, foi transmitida ao Reitor-Mor e a seu Conselho os Regulamentos da Associação, revista com a contribuição de toda a Associação mesma. O Reitor-Mor e o Conselho — seguindo as normas do mesmo Regulamento — fizeram um atento trabalho de revisão para predispor o texto a enviar à competente Congregação romana em vista da aprovação definitiva.

6. *Comentário às Constituições*. Como é sabido, o CG22 pediu ao Reitor-Mor que providenciasse um Comentário ao texto das Constituições. Uma equipe, constituída pelo próprio Reitor-Mor, trabalhou nos meses passados para recolher ma-

terial para tal Comentário. Para ter maior autoridade (mesmo que se não trate de um comentário oficial), os Conselheiros examinaram as primeiras provas do Comentário, fazendo as suas observações.

7. *Os "Privilégios" da nossa Sociedade*. Os "Privilégios" concedidos a grupos de fiéis ou Institutos Religiosos representam um auxílio que a Sé Apostólica dá para o serviço que oferecem à Igreja universal. Também a nossa Sociedade teve "Privilégios" para o desenvolvimento da sua missão segundo o próprio carisma. O Código de Direito Canônico, revisto em base às orientações do Vaticano II, não aboliu os Privilégios; estes, porém, devem ser em parte revistos segundo as normas canônicas. O Conselho Geral, com o auxílio da Faculdade de Direito da nossa Universidade, preparou tal trabalho de revisão.

8. Foram ainda examinadas as "inspetorias irmãs" missionárias (cf. R. 24) e os empenhos nos "Centros assistenciais de emigrantes".

A sessão do Conselho foi também marcada por um duplo acontecimento importante.

Nos dias 23 e 24 de novembro o Conselho participou — com os Inspetores da Itália — da festa de gratidão ao Reitor-Mor, organizada pela Inspetoria da Sicília. No dia 23, em Catânia, num encontro de 4.000 pré-adolescentes, e no dia 24, sempre em Catânia, em outro encontro de mais de 2.500 adolescentes e jovens onde foi externado o vivíssimo amor a Dom Bosco na pessoa do seu VII Sucessor. Momentos significativos foram também os do encontro fraterno com os Salesianos (principalmente com os que celebravam alguma ocorrên-

cia especial de profissão ou de sacerdócio) na tarde de 23 de novembro e a grande celebração eucarística, no dia seguinte, no Santuário de Nossa Senhora das Lágrimas, em Siracusa, com a presença numerosíssima de todos os grupos da Família Salesiana.

Em seguida, de 25 a 30 de novembro, o Conselho fez os Exercícios Espirituais anuais na Casa de Zafferana Etnea: pregados pelo Pe. Nicolau Loss sobre o tema "A criatura humana em diálogo com seu Deus segundo as Escrituras", foram momentos muito bonitos de confronto com a Palavra de Deus, de intimidade espiritual com o Senhor e de fraternidade salesiana.

### 4.3 Atividades dos Conselheiros

#### *O Vigário do Reitor-Mor*

Entre as atividades de animação que o Vigário do Reitor-Mor desenvolveu nas Inspetorias, destacam-se as seguintes:

Em 10 de outubro participou da Conferência Inspetorial Ibérica, reunida em Madri, que em sua ordem do dia havia também inserido o tema dos trabalhos dos próximos Capítulos Inspetoriais ordinários.

O Vigário apresentou em mérito um relatório, seguido de uma discussão de aprofundamento.

Nos dias 26 e 27 foi a Zurique para representar o Reitor-Mor na inauguração do novo complexo de edifícios da missão católica italiana.

#### *O Conselheiro Geral para a Formação*

O Conselheiro Geral para a Formação, Pe. Paulo Natali, além de

vários encontros de animação, dos compromissos de trabalho requeridos pela UPS, da sua vida e dos relacionamentos com os Centros de estudo filiados (as várias reuniões, por exemplo, para a nova colocação do Estudantado de Cremisan), participou da "visita de conjunto" feita nas Inspetorias européias de língua francesa.

Com o pessoal de seu setor, dedicou-se a um trabalho interno do dicastério em três linhas principais:

— a redação do comentário aos 24 artigos da terceira parte das Constituições ("Formados para a missão de educadores pastores", arts. 96-119), e de artigos correspondentes dos Regulamentos Gerais (78-102);

— a impositação, mediante a preparação de subsídios, e animação do curso para formadores de pós-noviado, que teve início no dia 11 de novembro passado, na Pisana; convém ainda assinalar a participação nos encontros prévios com o departamento para a Família Salesiana e Comunicação Social em vista do próximo curso oferecido aos animadores da Família Salesiana;

— enfim, o empenho para a reelaboração da *Ratio fundamentalis* (*La formazione dei Salesiani di Don Bosco*, Roma, 1985, 2.<sup>a</sup> ed.) e de *Criteri e norme di discernimento vocazionale salesiano. Le ammissioni*.

Os dois textos já estão terminados: a promulgação do Reitor-Mor traz a data de 8 de dezembro de 1985;

Foi o trabalho mais importante em qualidade e quantidade. Para melhor informação, pode-se ler com utilidade a comunicação que neste número dos Atos dá o próprio Conselheiro para a Formação.

*O Conselheiro para a Pastoral Juvenil*

No mês de julho, o Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil enviou a todas as Inspetorias o fascículo impresso *La proposta associativa salesiana*. Uma carta de apresentação explicava a sua colocação no conjunto dos subsídios oferecidos pelo departamento e uma ficha convidava que se desse um parecer após o seu estudo. Este fascículo foi traduzido em inglês e espanhol nos inícios de novembro e enviado às Inspetorias correspondentes.

Em agosto, iniciou-se na Espanha publicação do subsídio *Comunidade educativa em formação*. Consta de cinco boletins, dos quais, até o momento, foram publicados somente dois, com doze temas. Seguir-se-ão os outros. Aceitando o tema dos Salesianos animadores, da participação ativa dos leigos na comunidade educativa, da possibilidade de fazer com eles uma caminhada, pela qual os colaboradores profissionais possam passar a ser membros da Família Salesiana, foi elaborado um conjunto de conteúdos que abrangem o profissionalismo, a experiência cristã e o conhecimento salesiano.

Pe. João Vecchi encontrou-se com os Inspetores da Região da América Latina-Pacífico, para estudar a atuação de quanto se tinha proposto para cada Inspetoria no IV Encontro Latino-americano de Cumbayá. Focalizou-se a animação pastoral da Inspetoria e da equipe que a empreende, o Projeto Educativo-pastoral, a experiência associativa em relação ao ambiente e às exigências da América Latina.

Na Inspetoria das Antilhas, encontrou-se com os párocos e com os encarregados dos centros juvenis para um intercâmbio de orien-

tações e problemas referentes a estas duas estruturas. Na Venezuela, tomou parte em jornadas sobre o "papel dos religiosos e dos leigos nas comunidades educativas", em que Salesianos e FMA aprofundaram juntos as novas tarefas dos animadores e especialmente a possibilidade de uma maior participação e modalidade de formação dos leigos.

No mês de outubro esteve na Índia. Num primeiro encontro com as equipes de pastoral das Inspetorias em Lonavla (Bombaim) focalizaram as reais possibilidades das atuais estruturas inspetoriais de animar pastoralmente e envolver as comunidades das Inspetorias; estudaram-se os aspectos educativos novos que a situação indiana apresenta. Em Madras realizou-se o encontro dos animadores e promotores vocacionais e dos diretores dos aspirantados, para tratar dos problemas referentes a estes setores. Pe. Vecchi dedicou o resto do tempo a contatos com os irmãos das Inspetorias de Gauhati, Calcutá, Madras e Bengala.

Em novembro, participou da visita de conjunto que teve lugar em Lião para as Inspetorias de língua francesa, na Europa.

No dicastério, entretanto, começa a preparação imediata para o primeiro dos seminários sobre nossa presença entre os jovens marginalizados, que se realizará em fevereiro de 1986, em Benediktbeurn (Alemanha). Após haver recebido as fichas informativas, estão recebendo os relatórios das presenças que foram julgadas objeto de estudo e os nomes dos participantes.

*O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social*

Durante boa parte do verão europeu (julho-agosto-setembro), Pe.

Sérgio Cuevas permaneceu em Roma para presidir e animar o trabalho das Comissões internacionais que preparavam o novo texto do Regulamento dos Cooperadores Salesianos. Dele participaram Cooperadores e alguns peritos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora.

De 10 a 15 de setembro participou com o Reitor-Mor e com o Conselheiro Regional, Pe. McPake, do Congresso Europeu dos Ex-alunos que se deu em Dublin (Irlanda). Estudou-se o tema: A desocupação juvenil na Europa. Estiveram presentes 400 Ex-alunos.

De 23 a 29 de setembro tomou parte no Encontro latino-americano para os Salesianos que trabalham no setor de Rádio e Televisão. Eram 22 os Salesianos participantes com alguns colaboradores leigos. Estudou-se a presença salesiana no setor, a política de desenvolvimento da missão salesiana nesses meios, o envolvimento das Inspetorias e a coordenação futura das estruturas.

De 30 de setembro a 5 de outubro, pregou os Exercícios Espirituais a 45 Salesianos da Inspetoria do Chile, entre os jovens que receberão proximamente ministérios e ordens sacras.

De 13 a 15 de outubro, visitou a Inspetoria do Paraguai para ter contatos com os grupos da Família Salesiana e com os Salesianos que desenvolvem atividades de comunicação social.

De 15 a 17 de outubro visitou brevemente a Inspetoria de São Paulo (Brasil) para harmonizar os planos de desenvolvimento da comunicação social.

De 23 de outubro a 4 de novembro, tomou parte no 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Sale-

sianos. O objetivo deste encontro foi a revisão definitiva do Regulamento dos CC.SS., o estudo da situação da Associação, a missão do Cooperador Salesiano com os jovens e a indicação dos candidatos para membros da Consulta mundial. Dele participaram mais de 260 Cooperadores entre delegados oficiais e observadores, representando 42 nações do mundo salesiano.

De 8 a 11 de novembro, acompanhava o Reitor-Mor e outros Conselheiros no encontro com os Conselhos Inspetoriais de Lião, Paris e Bruxelas.

E, finalmente, como funções ordinárias, tomou parte nas reuniões da Consulta Mundial dos Cooperadores Salesianos e da Junta Confederada dos Ex-Alunos de Dom Bosco, ao mesmo tempo com numerosas visitas de animação a grupos da Família Salesiana na Itália.

#### *O Conselheiro Geral para as Missões*

Saindo de Roma com o término do Conselho de julho, Pe. Luc Van Looy, de 31 de julho a 6 de agosto, pregou os Exercícios Espirituais para todos os irmãos em Madagascar. Visitou ainda as comunidades de Bemaneviky, Ijely, Mahajunga e Ivato para depois retornar a Roma em 16 de agosto, após breve parada na casa inspetorial de Paris.

Nos dias 28 e 29 de agosto, assistiu à assembléia da Visitadoria de Sardenha para estudar com eles o projeto da tarefa missionária em Madagascar. De Sardenha partia diretamente para a Bélgica para participar na celebração das Bodas de Ouro de seus pais.

Em 6 de setembro foi à Tanzânia visitar a comunidade da Delegação da África Oriental.

Na Tanzânia pôde parar nas seguintes comunidades: Mafinga, onde há um aspirantado com 85 aspirantes, centro catequístico e paróquia; Iringa, com escola profissional e oratório; Dodoma, também com escola profissional e oratório; Dar-Es-Salaam, onde está situada a Procuradoria missionária, há um oratório e trabalha-se na catequese das escolas. Em Dar-Es-Salaam, reuniram-se todos os irmãos da Tanzânia para uma jornada de estudo e de avaliação.

No Sudão, após a parada de um dia em Nairobi, pôde visitar a comunidade de Juba, com escola tipográfica e oratório; passou para Wau, onde trabalha a comunidade das FMA, visando poder dirigir-se também para a nossa obra de Tonj. Mas por causa da guerra não foi possível visitar os dois irmãos de Tonj, que se achavam isolados e separados das outras zonas. Depois de cinco dias de inútil espera em Wau, retornava a Juba para prosseguir viagem imediatamente para Nairobi.

Pela manhã de 25 de setembro chegava em Embu para visitar os irmãos da Inspetoria Central e as FMA. Aqui tomou consciência do grande progresso feito nas duas obras. À tarde de 27 reuniu os encarregados de Embu e Nairobi para estudar um plano de formação para jovens candidatos africanos. Partia para Roma em 29 de setembro.

De 2 a 6 de outubro, Pe. Van Looy animou o encontro dos novos missionários em Turim, com estudo e visita aos lugares de Dom Bosco. Em 6 de outubro, na Basílica de Maria Auxiliadora, entregou

o crucifixo a 13 missionários da 115.ª expedição.

Em 8 de outubro, o Conselheiro partia para a Coreia, onde, de 12 a 18, participou como Visitador Apostólico no Capítulo Geral da Congregação do Santíssimo Sacramento. Depois de uma visita a todas as casas salesianas da Coreia, em 22 de outubro prosseguia para Bangkok. Um dia depois foi ao Vietnã, onde por 9 dias informou-se da situação da Igreja, da Congregação e do país. Na volta, parou algum tempo na Tailândia, onde pôde visitar as casas de Bangkok, Sampram, Banpong e Hua Hin.

Em 5 de novembro voltava para Roma.

#### *O Conselheiro para a América Latina, Região Atlântica*

Partindo de Roma, em 27 de julho, Pe. Carlos Techera começava um dia depois a consulta para a nomeação do novo Inspetor de Manaus (Brasil). Pela primeira vez pôde chegar e visitar brevemente as Missões do Rio Negro e Rondônia.

Passando por São Paulo, partiu para Angola, onde pregou os Exercícios Espirituais aos missionários, entregando-lhes o novo texto das Constituições e Regulamentos.

Retornando da África, começou a visita à Inspetoria do Paraguai para a consulta de nomeação do novo Inspetor. Entrementes, de 5 a 8 de setembro, em Buenos Aires presidiu a Conferência Inspetorial do Prata. Com o objetivo de encaminhar a preparação do Centenário em 1988, fez ainda uma reunião com as Inspetoras das FMA e das Delegadas da Argentina, Paraguai e Uruguai, na presença de madre Dolores Acosta.

Em 15 de setembro, iniciou a Visita extraordinária à Inspetoria do Nordeste do Brasil.

Nos dias 21-22 de setembro participou de uma reunião dos Inspectores e Inspetoras do Brasil, sempre com a finalidade de preparar o Centenário de 1988, presente também a Madre Geral das FMA, Marinella Castagno, madre Ilka Perillier e madre Rosalba Perotti. Prosseguia, em seguida, a Conferência inspetorial do Brasil até o dia 24.

No dia 28 de outubro, terminada a visita extraordinária em Recife, retornava a Roma para participar do 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos.

#### *O Conselheiro para a América Latina, Região Pacífico-Caribe*

Durante os meses de agosto, setembro e outubro (1985), o Conselheiro Geral para a Região do Pacífico e Caribe, ficou na parte norte da Região para um conjunto de atividades previamente programadas.

Antes de tudo a visita extraordinária à Inspetoria de São Luís Bertram em Medellín, Colômbia: iniciou nos primeiros dias do mês de agosto e, com a interrupção de algumas semanas no mês de setembro, concluiu no fim de outubro.

Assinala-se também a visita a algumas Repúblicas da América Central, concretamente, Costa Rica, Nicarágua e Honduras. Nestas Nações, o Regional aproveitou para reunir as diversas comunidades e entregar solenemente o novo texto das Constituições.

Sucessivamente, presidiu a reunião anual dos Inspectores da Região. Este ano foi feita na Inspetoria das Antilhas, precisamente na Casa de Pinar Quemado, perto

de Jarabacoa, onde tem sede atualmente o noviciado. Esteve presente ao encontro o Pe. João Vecchi, Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil. Com os Inspectores, por dois dias, estudou-se o documento de Cumbayá sobre a pastoral no continente latino-americano, durante este sexênio. Fez-se ainda um estudo muito minucioso da formação inicial nas diversas Inspetorias da Região.

Em seguida, o Conselheiro regional foi ao México. Chegou à capital em 18 de setembro, à tarde, e pernitoou na casa inspetorial de Santa Júlia. Assim, na manhã de 19 assistiu à tragédia que feriu a cidade com o terremoto. Grande o susto e indescritível a impressão pela dimensão da desgraça! Graças ao Senhor e à Virgem Auxiliadora, porque os nossos irmãos e as nossas casas foram poupadas de graves danos.

Pôde prosseguir o Conselheiro Regional o trabalho, realizando a consulta para a nomeação do Inspetor na Inspetoria de Guadalajara: começando da Casa de Monterrey na parte norte do país, percorreu diversas cidades e passou em todas as comunidades com esta incumbência de animação.

Concluída a visita canônica na Inspetoria de Medellín, retornou a Roma em fins de outubro, para tomar parte nas conclusões do Congresso Mundial dos Cooperadores.

#### *O Conselheiro Regional para a Ásia*

Pe. Tomás Panakezham partiu de Roma em 30 de julho para o Extremo Oriente. Após ter feito uma breve visita a algumas comunidades, particularmente na Visitadoria da Coreia e na Inspetoria do Japão, parou por alguns dias na Tailândia

para fazer a consulta para a nomeação do novo Inspetor.

Após estes compromissos, dirigiu-se para as Filipinas para dar início à Visita Canônica extraordinária. Durante os 72 dias da visita pôde constatar o progresso que a Inspetoria de S. João Bosco, nas Filipinas, realizou no campo das vocações, no desenvolvimento missionário e na devoção a Maria Auxiliadora. É digno de nota o fato de que o Episcopado filipino declarou a nossa Igreja, em Paranaque (Manila), dedicada a Maria Auxiliadora, como Santuário nacional das Filipinas. Pelo que diz respeito ao arrojo missionário, vê-se que está crescendo com a presença da Inspetoria em Pápua (Nova Guiné) — há três presenças: Araimiri, Port Moresby e Rebaul, e com o encaminhamento de uma nova presença em Jakarta (Indonésia), para ir ao encontro da ilha de Timor. O Conselheiro pôde visitar só as presenças missionárias em Pápua (Nova Guiné), deixando para outra ocasião disponível a visita a outros centros missionários.

Após a visita extraordinária, Pe. Panakezham presidiu uma reunião dos Inspetores do Extremo Oriente em Hong-Kong. Em tal ocasião, decidiu-se fazer em 1986 um encontro dos salesianos coadjutores do Extremo Oriente para aprofundar as novas Constituições; discutiu-se o modo de celebrar o Centenário de 1988, da "visita de conjunto" prevista para 1986 e os próximos Capítulos Inspetoriais.

O Regional voltou para Roma em 31 de outubro para participar do Congresso Mundial dos Cooperadores.

#### *O Conselheiro Regional para a Região de Língua Inglesa*

Durante o verão, o Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

fez duas visitas de animação, de um mês cada: a primeira na Austrália, a outra na América do Norte.

Em ambos os casos, dedicou-se à apresentação das Constituições e dos Regulamentos Gerais, promovendo o conhecimento e a interiorização: para esse fim, visitou a maior parte das Casas, de modo especial as comunidades formadoras.

Na Austrália, teve ainda ocasião de conferir o ministério do Accolito a alguns jovens irmãos (4) e de receber a profissão perpétua de outros cinco irmãos membros da Congregação, diante de quase mil pessoas da Família Salesiana.

Em cada um dos dois continentes pôde constatar a alegria com que os irmãos recebem o novo texto da nossa Regra de vida e se empenham sempre mais plenamente.

Entre estas duas visitas um pouco prolongadas, o Regional passou pela Irlanda, com o Reitor-Mor, para participar dos últimos dias do Congresso Europeu dos Ex-alunos (Eurobosco). Enfim, antes de voltar à Sé Romana, no mês de outubro, realizou uma rápida volta pela Inspetoria da Grã-Bretanha para promover a consulta para o novo Inspetor.

#### *O Conselheiro Regional para a Europa e África Central*

Prosseguindo as visitas de contato com as Inspetorias da Região, Pe. Domingos Britschu dirigiu-se sucessivamente para a Alemanha, Áustria, Ungria, Bélgica e França. Foram privilegiadas as ocasiões de encontro com os responsáveis de comunidade (Inspetores, Diretores, Conselheiros inspetoriais, Delegados vários) sem contudo considerar de menor importância a parti-

cipação em cursos de exercícios espirituais, funções eucarísticas, profissões perpétuas, reuniões comemorativas ou convívios fraternos. Bases desses encontros foram as Casas de Waldwinkel, Colônia, Viena, Benediktbeuern, Bruxelas, Lião e Roma.

Dignos de particular relevo foram os Exercícios Espirituais em que tomaram parte 60 sacerdotes e leigos, devotos de Dom Bosco, na Igreja Universitária de Budapest.

Assinala-se enfim a participação, com o Reitor-Mor e outros membros do Conselho Geral, na primeira "visita de conjunto" na Região para as Inspetorias de língua francesa da Europa, realizada em Lião: foi um encontro fraterno, no qual se enfrentaram os graves problemas colocados na missão salesiana pelo ambiente secularizado.

#### *O Conselheiro para a Região Ibérica*

O período de verão não é propício para visitas extraordinárias na região; entretanto, presta-se para um trabalho de animação interessante. O Conselheiro para a Região Ibérica, Pe. José Rico, pregou uma série de Exercícios Espirituais, antes às FMA do Auxilium de Roma, em Mornese; depois às FMA de Portugal, em Lisboa; e às VDB portuguesas, em Fátima. Fez também um curso de Exercícios Espirituais e de animação para os Diretores e os Vigários das Casas Salesianas de Portugal, em Lisboa; e depois de haver assistido à profissão religiosa dos noviços de Portugal, encontrou-se por três dias em Porto, com os formadores dos aspirantados, do postulante, do noviciado e do pós-noviciado. Graças a Deus, a formação está ficando sólida e se encontra maior clareza nos objetivos, maior unidade nos critérios formativos e

maior continuidade entre as diversas fases.

Na Espanha, pôde participar dos "Colóquios" Internacionais sobre a vida salesiana, desenvolvido no Valle de Los Caidos; da semana de reflexão sobre a Pastoral Juvenil, dirigida pelo Pe. José Vecchi, participaram todos os Conselhos Inspetoriais da Região com os Delegados Inspetoriais de P.G., além do Delegado Nacional. Pregou também os Exercícios Espirituais aos noviços de Madri e fez sete conferências no curso de Formação Permanente da Região (em Campello). Além disso, assistiu às Reuniões dos "Hogares Don Bosco" (Focolari Don Bosco) em nível nacional; e a primeira Reunião Nacional dos Jovens Cooperadores da Espanha.

De 9 a 11 de outubro presidiu a reunião da Conferência Inspetorial Ibérica, que contou com a presença do Pe. Caetano Scrivero, e na qual se trataram dos temas da formação dos futuros salesianos africanos das nações onde trabalham as Inspetorias espanholas; concluiu-se o Estatuto da Procuradoria Salesiana de Missões com sede em Madri, e refletiu-se na preparação dos Capítulos Inspetoriais de 1988 e nos Centenários salesianos de 1986 (Centenário da Visita de Dom Bosco à Espanha) e de 1988.

#### *O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio*

No fim de julho, Pe. Luís Bosoni encontrou-se com os Inspetores da Itália iniciando com eles o repensar da presença salesiana no território e a caminhada para o ano de 1988.

Em agosto, introduziu o Curso de Formação Permanente da Região e visitou numerosas casas da montanha, especialmente em Tri-

veneto, tomando contato com interessantes atividades de veraneio dos Salesianos e da Família Salesiana.

Pregou os Exercícios Espirituais aos Ex-alunos da Sicília e presidiu, em 8 de setembro, a primeira Profissão dos Novícios em Lanuvio (Roma).

Esteve presente também em Turim à introdução do Inspetor da Central e encontrou-se com os novícios de Pinerolo.

Em 15 de setembro, começou a Visita canônica extraordinária à Inspeção Adriática, interrompida de 6 a 9 de outubro por causa de compromissos em Turim e Roma.

No dia 4 de novembro participou da conclusão do Congresso Mundial dos Cooperadores e de 8 a 11 encontrou-se com os Inspetores da Itália e presidiu em Loreto o Seminário de Estudo sobre a presença salesiana no mundo da marginalização.

Encontrou-se com os Diretores da Inspeção do Oriente Médio, reunidos para atualização e programação e completou a visita à Inspeção Adriática, enquanto retomava a intensa vida do Conselho Geral, reunido em sessão plenária.

#### *O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia*

Pe. Augustinho Dziedziel, delegado do Reitor-Mor para a Polónia, nos meses de agosto, setembro e outubro, realizou a Visita canônica extraordinária à Inspeção polaca de São João Bosco com sede em Wrocław. Contemporaneamente, nessa Inspeção promoveu a consulta para a nomeação do Inspetor.

No dia 24 de agosto de 1985, presidiu a celebração por ocasião da tomada de posse da nova Inspeção da Inspeção polaca das FMA com sede em Wrocław. Madre

Bozenna Stawecka transmitiu o cargo a madre Danuta Kaminska.

Por ocasião do Ano Internacional da Juventude, nos dias 14 e 15 de setembro, organizou uma peregrinação da juventude salesiana de toda a Polónia ao Santuário mariano de Nossa Senhora de Czestochowa. Participaram dela 3.500 jovens. Durante a santa missa noturna, o Delegado deu a bênção e entregou o crucifixo a 12 irmãos missionários (6 padres e 6 clérigos) destinados às seguintes missões: 4 padres e 5 clérigos para Zâmbia, 2 padres para o Zaire e um clérigo para o Oriente Médio.

Por iniciativa da Consultadoria da Conferência das Inspeções salesianas da Polónia, foi convocado, de 16 a 20 de setembro, em Lutomiersk (Polónia), uma reunião nacional de diretores de todas as Casas salesianas da Polónia. Os relatores foram os mesmos Inspetores e Vigários inspetoriais. Sob a presidência do Delegado foram apresentadas e estudadas as Constituições renovadas.

De 28 a 30 de outubro, em Lutomiersk, o Delegado presidiu a sessão da Conferência das Inspeções salesianas da Polónia. Além do tema principal da consagração religiosa, foram estudados alguns problemas particulares: as iniciativas para o centenário da morte de São João Bosco, as indicações para a elaboração dos "Diretores inspetoriais", a atividade da Editora Salesiana da Polónia, a preparação das Inspeções gêmeas da Polónia com um outro país da África, além da Zâmbia.

Enfim, lembram-se das visitas de animação feita às comunidades formadoras da Polónia, em que houve numerosos formandos (nos três Noviciados da Polónia há 133 novícios das quatro Inspeções da Polónia).

### 5.1 O 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos

#### *Discurso de conclusão do Reitor-Mor*

De 28 de outubro a 4 de novembro desenrolou-se, no "Salesianum" de Roma, o 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos. Foi quase inteiramente dedicado ao trabalho de revisão do Regulamento dos Cooperadores, promulgado na Páscoa de 1974 e posto em experiência durante 10 anos. O texto — preparado por três Comissões com base nas conclusões dos congressos inspetoriais e nacionais preparatórios — foi discutido e votado por grande maioria: será agora examinado pelo Reitor-Mor com seu Conselho e depois transmitido à Sé Apostólica para a aprovação definitiva.

Os congressistas, provenientes de 42 Nações, eram 300: desses, 176 com direito a voto, os outros observadores, leigos e religiosos. A presença do Conselho Geral dos Salesianos, da Madre Geral das FMA com algumas conselheiras, e de Representantes dos outros Grupos da Família Salesiana emprestou um sentido de viva e fraterna participação ao importante acontecimento em que os Cooperadores foram os protagonistas.

Significativa a participação de Cardeais e Bispos, que presidiram as Concelebrações eucarísticas, e agradabilíssima a audiência do Santo Padre.

O Reitor-Mor, Pe. Egídio Viganó, presidiu o Congresso, enriquecendo-o com a sua palavra orientadora e animadora. Publicamos aqui, na expectativa dos Atos do Congresso, o discurso de conclusão com que o Reitor-Mor indicou algumas urgências a que os Cooperadores — e com eles a Família Salesiana inteira — são chamados a responder na Igreja de hoje:

«Beneméritas Cooperadoras, laboriosos Cooperadores e Delegados, prezados Irmãos e Irmãs, todos da Família Salesiana:

Ei-nos no final do 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos.

Agradecemos com alegria a Deus que nos acompanhou e iluminou com os dons do seu Espírito. Somos agradecidos à Nossa Senhora que intercedeu maternalmente, e a Dom Bosco que, sempre dinâmico, interessou o céu em nosso favor.

Congratulo-me muito com o trabalho realizado. É esta a etapa mais arriscada da elaboração pós-conciliar da "carta de identidade" da Associação dos Cooperadores. Dela resultará um texto de benéfico interesse para toda a Família Salesiana.

Os três grupos fundados (Sociedade de São Francisco de Sales, Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Associação dos Cooperadores) intercambiam entre si os valores significativos em nome do próprio Grupo, tornando-o progra-

ma em cada um dos outros dois: efetivamente “mariana”, e realizam o trabalho apostólico em “coopeção”.

Assim os nomes dos três Grupos exprimem em forma complementar profundos valores comuns do patrimônio espiritual e apostólico que nos deixou como herança o Fundador.

#### *A dimensão secular da Família Salesiana*

Nesta minha conversa de encerramento não julgo oportuno entrar em uma avaliação minuciosa dos trabalhos do Congresso: são bastantes positivos e prometedores.

Prefero fazer algumas considerações de fundo, partindo da “dimensão secular” própria da nossa Vocação Salesiana.

É uma dimensão ínsita já nas raízes em Valdocco. É, portanto, um horizonte marcado com insistência pelo Vaticano II. Cabe, de modo diferenciado e analógico, não só a missão comum aos três Grupos, como também o seu estilo peculiar de vida.

A “dimensão secular” é insidiada por uma caricatura mortal: o “secularismo”, que mundaniza o Evangelho e corrompe o apostolado, emancipando as pessoas da própria vocação e até da fé. Por isso mesmo convém pôr em maior evidência a visão conciliar das relações entre a Igreja e o mundo, sublinhando as exigências históricas nos compromissos eclesiais de salvação.

“Saeculum”, com efeito, quer dizer tempo histórico, espaço de experiência humana, realidade concreta do mundo qual teatro da aventura histórica do homem,

marcada pelos seus esforços, pelas suas derrotas, pelos seus progressos, pelos seus desvios (cf. DS 2).

Pois bem, o Concílio relançou, como motivo fortemente renovado e original da pastoral, a dimensão secular de toda a Igreja na consideração da sua missão.

O Povo de Deus é “real e continuamente solidário com o gênero humano e sua história” (GS 1); “caminha com toda a humanidade e experimenta junto com o mundo a mesma sorte terrena, e é como o fermento e quase a alma da sociedade humana... e crê poder contribuir muito em torná-la mais humana” (GS 40).

A finalidade salvífica e escatológica da Igreja está impregnada de historicidade; possui, pois, uma considerável espessura “secular”. Por isso Paulo VI pode defini-la como “servidor da humanidade”.

O Vaticano II põe, muitas vezes, ao lado do fim específico de redenção e de salvação o da “instauração de toda a ordem temporal”: Por isso Paulo VI pôde defini-la é somente levar a mensagem de Cristo e de sua graça aos homens, mas ainda permear a aperfeiçoar a ordem das realidades temporais com o espírito evangélico” (AA 5; cf. também 2 e 7).

A própria “vida consagrada” não é nunca apresentada pelo Concílio com uma concepção “estranhista” aos olhares do século (cf. LG 46): “Consagração” e “secularidade” jamais se excluem, mas se unem mutuamente em diferentes graus, até a modalidade própria dos Institutos seculares, nos quais se professa uma “secularidade consagrada” ou “consagração secular”.

O famoso “caráter secular”, indicado como modalidade tipoló-

gica dos leigos (cf. LG 31), reflete e determina para eles, com tarefas próprias, uma dimensão global que é de todos na Igreja.

A *Gaudium et Spes* delinea um contínuo intercâmbio de valores e de incumbências entre Igreja e o Mundo: o auxílio que o Povo de Deus dá ao mundo e que dele recebe (cf. cap. IV). Há entre eles um contínuo diálogo, uma mútua relação vital, semelhante ao dinamismo de diástole e de sistole do coração.

Os valores humanos são assumidos (primeiro movimento) no mistério da encarnação para expandir depois (segundo movimento) no devir do século as riquezas salvíficas do Verbo encarnado.

Nesse diálogo de intercâmbio operam de forma complementar inseparável, sejam os "Pastores" e os "Consagrados", sejam os "Leigos". Mas o Leigos são a grande ponte do diálogo: sem eles há o perigo de ficar só na margem.

Na base há a comum incorporação em Cristo através dos sacramentos da iniciação que nos tornam todos igualmente irmãos no único Filho. O que nos distingue posteriormente uns dos outros (como Pastores, Consagrados e Leigos) serve de mútuo serviço e enriquecimento em vista da única missão de libertação integral do homem.

É na intuição profunda de tal comunhão que Dom Bosco nos imaginou juntos precisamente para trabalhar no mundo: era movido pelo seu coração apostólico; era guiado por uma sensível concretude histórica; sentia-se chamado a responder aos desafios do século, ouvido especialmente pelo clamor dos jovens. Por isso iniciou a obra dos Oratórios, a incumbência das

Missões, o cuidado das Vocações, a defesa e a purificação da Religiosidade popular. Queria colaborar para o bem da sociedade humana: "Da boa ou má educação da juventude — dizia — depende o bom ou o triste porvir dos costumes da sociedade" (cf. Proêmio das Constituições de 1858).

#### *Uma mensagem do 1.º Congresso Internacional de 1895*

Vale a pena lembrar, como fiel expressão deste projeto de Dom Bosco, o 1.º Congresso Internacional dos Cooperadores celebrado em Bolonha de 23 a 25 de abril de 1895.

Para Pe. Rua foram dias de intensa alegria salesiana; ao dar notícia do fato aos irmãos falava de uma data a "ser marcada com letras de ouro" na história da nossa Família, e aludia explicitamente ao cumprimento das palavras proféticas de Dom Bosco no sonho do personagem dos 10 diamantes: "em 1895, grande triunfo" (cf. MB 16, 187; ainda "Cartas Circulares de Pe. Miguel Rua", Turim, 1965, p. 153).

Foi um acontecimento de proporções insólitas para a própria Igreja da Itália. Dele participaram quatro cardeais (de Bolonha, Milão, Ravena e Ferrara), 29 arcebispos e bispos, o próprio Papa Leão XIII mandou uma carta especial. No dia seguinte, 26 de abril, não menos de 50.000 pessoas subiram em peregrinação ao monte de N. S.ª de S. Lucas para dar graças à Mãe de Deus.

Mais do que falar das obras particulares da Congregação, no Congresso tratou-se dos compromissos eclesiais e sociais nas fronteiras da fé. O tema do Congresso

era "A salvação social por meio da Religião e da Caridade" (como se hoje se dissesse: "A libertação integral através de uma civilização do amor"!).

O cardeal Svampa sublinhava alguns aspectos mais urgentes: "A educação da juventude, a melhoria da classe operária, a necessidade da boa imprensa, as missões entre os povos pagãos".

Pe. Tiago Bellia, antigo aluno do Oratório de Valdocco, foi designado para levar um relatório do Congresso ao Secretário de Estado, cardeal Rampolla del Tindaro, para informá-lo de que as resoluções tomadas se relacionavam com "um despertar geral" de iniciativas apostólicas no século.

Pe. Rua, confrontando os valores estimulantes deste encontro com os defeitos de certos irmãos, escrevia em uma circular: "HA! ... se estivessem presentes no Congresso, não teria dúvida que teriam feito o propósito de mudar de vida. Esconjuro, vivamos do espírito de Dom Bosco!" (cf. A. Amadei, "Il Servo di Dio Michele Rua", vol. I, cap. 12, p. 682-693).

Confirmava-se e experimentava a convicção, herdada por Dom Bosco, de que a Associação dos Cooperadores está na raiz da Obra Salesiana, acompanha-lhe o desenvolvimento, intensifica-lhe a concretização, assegura-lhe a eficácia, aperfeiçoa-lhe a influência na sociedade, dilata-lhe os horizontes em favor da educação da juventude mais necessitada e da evangelização das classes populares.

Prezados irmãos salesianos aqui presentes, prezadas irmãs FMA, jamais esqueçamos que sem os Cooperadores enfraquecemos perigosamente a nossa verdadeira dimensão secular, perdendo assim

pouco a pouco os traços fisionômicos da identidade que nos imprimiu Dom Bosco. Sem eles não somos mais portadores genuínos do projeto apostólico de Dom Bosco no mundo.

E vós, Cooperadoras e Cooperadores, sem os Consagrados da nossa Família dificilmente podereis manter-vos fiéis aos ideais do Fundador, porque a vossa verdadeira característica não é tanto o estar no século, mas estar como testemunho de Cristo conforme o espírito de Dom Bosco.

Nascemos juntos para caminhar unidos pelos caminhos do século, não mundanizados, mas autores da história da salvação.

#### *Interpeleções de atualidade apostólica*

Nossa comum, embora diferenciada, "dimensão secular" nos propõe hoje várias áreas exigentes de compromisso. Poderiam servir de exemplo duas: a da "religião" e a da "política".

São duas áreas distintas entre si, embora convergentes na unidade da vida. Entretanto, a distinção entre elas não é bem clara: onde a religião manipula a política cai-se, em diversos graus, num obscurantismo teocrático; e onde a política instrumentaliza a religião, instala-se uma ditadura escravizadora.

Sabemos por triste experiência que em tais conjunturas a dimensão secular da nossa missão salesiana fica mutilada e reduzida.

Mas o meu discurso quer pôr em evidência a urgência de desenvolver de forma renovada a nossa mútua comunhão, que exige maior profundidade de fé, mais atualiza-

do sentido social e um mais amplo e qualificado envolvimento dos Leigos. Para tal fim, foi formulada a estréia do próximo ano: "Promovamos a Vocação do Leigo a serviço dos jovens no espírito de Dom Bosco".

Portanto, dizia "religião" e "política".

De uma parte o Vaticano II insistiu muito na projeção secular da "religião". Evidentemente, entendeu referir-se com tal termo à vitalidade da fé cristã testemunhada na sociedade. Afirma, sim, que a missão do Povo de Deus "não é de ordem política, econômica e social", mas de ordem religiosa. Explica, porém, que, "na verdade, desta mesma missão religiosa decorrem benefícios, luzes e forças que podem auxiliar a organização e o fortalecimento da comunidade humana segundo a Lei de Deus" (GS 42). Por isso exorta os cristãos "a desempenhar todas as suas atividades terrestres unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos em síntese vital com valores religiosos sob cuja soberana direção todas as coisas são coordenadas para a glória de Deus" (GS 43).

Uma fé assim leva a uma capacidade de comunicação e um compromisso de testemunho de vida e de evangelização, que penetram nos núcleos dinâmicos das culturas humanas para "alcançar e como que envolver mediante a força do Evangelho os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade (Paulo VI, EN 19).

Por outro lado, o significado da palavra "política" registrou nesses últimos tempos uma mudança de

acentuação do seu significado mais técnico e restrito na ordem partitativa e de projetos para o mais amplo e vital dos valores e das perspectivas sociais que se referem à interpretação e realização do "bem comum temporal" (cf. GS 26, 31, 69, 74, 75).

Nessa segunda e mais ampla consideração, a dimensão política, mesmo que não envolva a totalidade do homem, adquire uma amplitude que atinge a formação da pessoa mesma e permeia grandes aspectos culturais da convivência humana. Em tal nível, ninguém pode escapar de verdadeira "responsabilidade política", embora não seja empenhado num serviço específico de militância.

As Constituições recentemente aprovadas dos SDB exprimem muito bem este aspecto dizendo, num artigo louvado pelos mesmos examinadores da Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares: "Participamos na qualidade de religiosos do testemunho e do empenho da Igreja pela justiça e a paz. Somos independentes de toda ideologia e política partidária, recusamos tudo o que fomenta a miséria, a injustiça e a violência, e cooperamos com aqueles que constróem uma sociedade mais digna do homem" (Const. 33; cf. também "Carta Circular de Pe. Ricceri", ACS, n. 284, 1976).

Pois bem, a participação ativa nessa dimensão secular da missão da Igreja realça em nós a indispensabilidade de um conhecimento atualizado do ensinamento social do Magistério, o fortalecimento de nossa comunhão e o intercâmbio de valores para mútua iluminação e enriquecimento apostólicos.

Nessas duas áreas, principalmente, devem-se sentir quais as palpi-

tações vitais de sístole e diástole por meio das quais uns passam aos outros bens e perspectivas de fidelidade dinâmica. Pensamos, por exemplo, na sintonia a alcançar entre pastoral juvenil e pastoral familiar; nos problemas da juventude na sociedade; na educação dos aprendizes para a inserção no mundo do trabalho; nas iniciativas para a liberdade da escola no Estado; na pesquisa de uma linguagem adequada para a evangelização numa hora de mudança cultural; numa presença incisiva do setor da comunicação social; na sustentação e colaboração do crescente compromisso com as missões.

Sem intercâmbio com os Leigos, os Consagrados correm o risco de tornar-se pouco e pouco "estranhos", não influinte na evolução da vida social. Os Leigos, sem comunhão com os Consagrados, estão expostos à redução e perda do caráter eclesial: O Leigo no mundo tem necessidade de constante reanimação espiritual.

Dois pólos, pois, que não se devem separar, e que se devem manter em tensão para garantir contínua produção de energia apostólica para o mundo de hoje.

Auguro que este Congresso, a exemplo do de 1895, lance um apelo a toda a nossa Família para que repense com coragem e profundidade a sua específica "dimensão secular". Os Leigos, tragam o enriquecimento permanente do diálogo Igreja-Mundo.

Acho que aqui se encontra o segredo da atualidade, da criatividade apostólica e do peso social da nossa missão comum. Nem secularismo, nem mundanização; nem ainda alienação ou surdez ao clamor dos pobres que vivem no século.

A nossa opção preferencial para com os jovens mais necessitados e para a vida de fé nas camadas populares é o dom peculiar que a atual sociedade espera da Família Salesiana de Dom Bosco.

### *O vínculo espiritual que nos une*

A fonte vital que torna possíveis esses fatos ideais de historicidade e nos irmana em comunhão é uma energia interior que chamamos de "caridade pastoral". Ela é o coração onde se realiza ritmicamente a sístole e a diástole do espírito de Dom Bosco, que a expressou no lema que nos distingue como Família: "Da mihi animas".

Em carta circular que escrevi em fevereiro de 1982 sobre a Família Salesiana dizia que há, na fonte, uma energia unificadora que gera em nós uma espécie de consangüinidade ou parentesco espiritual: é o tipo de caridade pastoral própria do nosso Fundador.

Ela não se identifica com os valores especiais das várias espiritualidades próprias da vida sacerdotal, religiosa, laical, conjugal, profissional etc. É uma energia mais profunda e aglutinante que faz convergir harmonicamente os afluentes de tais espiritualidades num alvo comum vital para aumentar a única grande corrente.

Da caridade pastoral vivida e transmitida por Dom Bosco nasce aquele comum "espírito salesiano" que nos constitui Grupos complementares de uma única Família.

O cuidado e a intensificação deste "espírito" são confiados a todos, embora com diferentes funções de serviço.

Dom Bosco quis que a Congregação dos Salesianos desempenhasse com respeito a isso um

serviço sacerdotal de delicada responsabilidade. Não é um privilégio, mas um ministério; não é uma dignidade, senão uma função; não é o resíduo de uma época clericalista, porém uma escolha profética e pedagógica que garante o exercício eficaz e reto do sacerdócio batismal de todos nas complexas dificuldades do século.

Creio indispensável relevar que o nosso dinamismo apostólico não é um simples "fazer". Na circular citada convidava a superar um equívoco: "Em toda vida verdadeiramente apostólica — escrevia — a 'caridade pastoral' permeia a existência mesma da pessoa; antes de traduzir-se em num 'fazer', é um 'modo de ser': é uma participação no mesmo amor de Deus, para unir-se a ele, um doar-se e perder a si mesmo para pertencer a ele em disponibilidade de trabalho para seu Reino, sentindo-se à disposição plena para a ação" (cf. ACS, n. 304, p. 22).

Esta é a preciosa fonte que qualifica a nossa vocação salesiana comum, mesmo se vivida em diferentes modalidades nos grupos e em diversos graus nas pessoas.

"A pertença" a um grupo da Família, e em particular à Associação dos Cooperadores, se refere necessariamente a ela. Certamente, a pertença não nasce perfeita. Parece um pouco como o amor no matrimônio. Começa com uma simpatia, cresce nas relações de conhecimento, purifica-se nas dificuldades, transfigura-se nas dores, atravessa tempos de aridez, supera momentos de desilusão, percorre caminhos de conversão, está consciente em todo nível de ter chegado ainda à plenitude, empenha-se e espera sem desânimo, olha para os modelos que, fiéis à pertença, se tornaram santos.

### *Duas tarefas urgentes*

A luz dessas reflexões, vejo duas grandes tarefas que hoje devem ser privilegiadas: Exige-lhes a reelaboração da "carta de identidade" dos Cooperadores.

A primeira é o incremento da parte de todos desta providencial "Associação" que Dom Bosco considerava como uma das colunas que carregam sua missão no mundo: "Uma Associação para nós importantíssima — afirmava —, que é a alma da nossa Congregação (os Consagrados), e que nos serve de liame para fazer o bem, de acordo e com o auxílio dos bons fiéis que vivem no século" (cf. Atti Capitolo Generale 19.º, ACS, n. 244, p. 155).

Afirmava com convicção em julho de 1886: "Os cooperadores serão os que ajudarão a promover o espírito católico. Será minha utopia, mas a tenho. Quanto mais a Santa Sé for atacada, mais pelos Cooperadores será exaltada; quanto mais a descrença crescer de todos os lados, tanto mais os Cooperadores levantarão o farol luminoso da sua fé operativa" (MB 18, 161).

Devemos fazer, com o esforço de todos, com que este grupo da Família Salesiana seja a expressão mais avançada e penetrante da nossa "dimensão secular".

É um desafio excitante e magnanimamente eclesial: É urgente cultivar em todo grupo, com a colaboração fraterna dos outros, a vitalidade dos outros, a vitalidade e o crescimento da caridade pastoral.

É este um propósito prioritário: A formação atualizada de todos no espírito de Dom Bosco. De sua

genuína qualidade florescerá uma criatividade mais ágil e mais decidida coragem apostólica em resposta às urgentes interpelações dos tempos.

### *Os Cooperadores e a Auxiliadora*

E, concluindo, deixai-me realçar a importância que Dom Bosco atribuía à devoção a Maria Auxiliadora para fazer florescer a nossa Vocação comum.

Em 23 de maio de 1884, em uma conferência dirigida aos Cooperadores na basílica de Valdocco, dizia: "Bem perto do fim dos meus dias, tenho imenso prazer em ver, que, em vez de minguar, os favores da Maria aumentam cada dia e em toda a parte. Aumentam na Itália, na França, na Espanha, em Portugal, na Bélgica, na Rússia, na Polónia, na Áustria, na República Argentina, no Uruguai e na Patagónia (... e como não alongaria hoje essa lista!). E os Cooperadores Salesianos e as Cooperadoras são os instrumentos de que Deus se serve para propagar cada vez mais a glória da sua Mãe. Todos deveis estar contentes e ter a maior confiança no patrocínio de Maria" (MB 17, 149).

Prezados irmãos e irmãs, vivemos uma hora difícil, mas excitante: Fomos chamados para preparar o advento do terceiro milénio do Cristianismo.

A Auxiliadora é precisamente "a Nossa Senhora dos tempos difíceis".

Confiemos nela e o nosso trabalho dará resultado.

Obrigado.

## 5.2 Intervenção do Reitor-Mor no Sínodo extraordinário dos Bispos

Do dia 25 de novembro até 8 de dezembro, o Reitor-Mor participou, na qualidade de representante dos Institutos de vida consagrada (eleito pela União dos Superiores Gerais com o Preposto Geral dos Jesuítas e o Abade Geral dos Beneditinos) do Sínodo Extraordinário, convocado pelo Papa João Paulo II, por ocasião do vigésimo ano da conclusão do Concílio Vaticano II. Trazemos aqui a intervenção que o Reitor-Mor fez na Assembléia do Sínodo em 26 de novembro.

«Santo Padre, Veneráveis Pastores, Irmãos e Irmãs:

Os Institutos de Vida Religiosa são devedores ao Vaticano II de verdadeiro salto qualitativo na sua dimensão eclesial e na índole própria que os caracteriza.

Confrontando os "Atti del Congresso generale degli 'Stati di perfezione'", realizado em Roma em 1950, com os documentos conciliares (mais o *motu proprio Ecclesiae Sanctae* e a exortação apostólica *Evangelica Testificatio*), nota-se uma mudança profunda: "Nihil novi et omnia nova".

Os cinco critérios de renovação do PC (n. 2) descrevem a nova órbita eclesial projetada para a Vida consagrada.

Mas convém observar que, mais além dos documentos, que embora representem a plataforma oficial de lançamento, emerge o valor global do próprio Concílio como evento pentecostal: Uma visita do Espírito Santo na aurora de uma nova época histórica. Ninguém, com efeito, tinha, não digo preparado, mas nem sequer previsto o curso do Concílio e as perspectivas

das suas conclusões. Basta pensar na sorte dos esquemas preparatórios e na evolução ascendente das quatro sessões. Bom número de participantes no Concílio experimentou, durante o seu desenrolar, uma profunda conversão de mentalidade. É esse um dado significativo que se reflete também na cronologia dos 16 documentos aprovados.

O Vaticano II, diferentemente dos outros concílios que o precederam, assumiu (por intuição de João XXIII) finalidade explicitamente "pastoral". Semelhante corte influenciou no modo de tratar os temas, demonstrando que a escolha "pastoral" não era uma atitude vaga, separada da doutrina e superficialmente prática, senão um estímulo vital de insistência nas características dialógicas da verdade salvífica, na responsabilidade criativa dos Pastores, na indispensabilidade das mediações culturais, na visão renovada das relações Igreja-Mundo, e na importância dos critérios metodológicos.

Essa nova ótica influenciou não pouco na concepção e na renovação da Vida consagrada nos vários Institutos.

Podemos afirmar, sem exageros, que os religiosos (e nessa intervenção refiro-me propriamente aos Institutos masculinos) realizaram nesses vinte anos um enorme trabalho de alcance histórico, concentrado pelo menos em três Capítulos Gerais, enfrentando, entre outros, a reelaboração de seus códigos fundamentais de vida (aprovados depois pela Sé Apostólica).

A grave crise sobrevinda nos anos 70 (fenômeno de vastas proporções que atacou a Igreja inteira, o ministério sacerdotal e a própria sociedade civil, de modo a fazer pensar numa hora de crise de

toda a civilização ocidental) incidu não pouco sobre todos os Institutos, pondo em relevo falhas nas opções vocacionais, na inadequação de certa formação, na superficialidade espiritual em assumir as mudanças e a ingenuidade em dar pouca importância à ascese. Em particular, viu-se mais profundamente ferida a situação dos Irmãos e dos Institutos laicais: Têm necessidade de maior luz e de apoio eclesial. Semelhante crise, contudo, mais que um efeito do Concílio, é na verdade a confirmação da indispensabilidade da sua celebração e da urgência em continuar fielmente a sua órbita.

Hoje, do ponto de vista do esclarecimento da própria identidade na Igreja e da coragem para iniciar uma verdadeira renovação, pode-se dizer que os Institutos de Vida Religiosa chegaram, como realidade global, a um alto nível de clareza e de esperança.

Entre as convicções adquiridas, mesmo se nem sempre plenamente, operantes em todos, devem-se realçar as seguintes:

1) A tarefa de testemunhar "o espírito das Bem-aventuranças" para estimular a vocação à santidade de todo o Povo de Deus, representando a face da santidade como resposta às interpelações da cultura emergente;

2) o "caráter eclesial" da Vida Religiosa pela qual não é só uma realidade "na" Igreja, senão verdadeiramente "da" Igreja em harmonia renovada entre ministérios e carismas;

3) a especial "consagração" por parte de Deus que na profissão religiosa plenifica a aliança batismal em Cristo restituindo confiança na possibilidade da oblação total de si;

4) a dimensão "carismática" da Vida consagrada, expressão da presença do Espírito Santo por uma atitude de maior criatividade na Igreja;

5) a índole própria de cada Instituto unida à experiência espiritual original apostólica do Fundador, enriquecendo a Igreja com multiformidade de dons;

6) a variegada participação ativa na "missão da Igreja", aprofundada pela ótica "de consagração apostólica" delineada no n. 8 da "Perfectae Caritatis";

7) enfim, "a opção comunitária" como estilo de vida, expressão profética dos valores evangélicos da fraternidade, do diálogo e da koinonia.

Nós, religiosos, agradecemos o Senhor por esse providencial Concílio.

Vinte anos, todavia, são poucos para renovar de uma só vez cerca de 300.000 professos. É compreensível (por outra parte, acontece isso nos demais setores eclesiais) que permaneçam problemas de pessoas e de grupos, com demoras, interpretações arbitrarias, desvios ou confusões: É o preço a pagar numa curva da época. Não há que admirar-se, principalmente se se pensa que a Vida Religiosa é uma práxis de compromisso existencial, situada (em geral) nas mesmas fronteiras das grandes mudanças sociais, das experiências pastorais e de tantas iniciativas inéditas. Lembra-vamos Paulo VI: "Encontram-se (os Religiosos) muitas vezes na vanguarda da missão, e assumem os maiores riscos à própria saúde e a sua vida. Sim, verdadeiramente a Igreja lhes deve muito" (EN 69).

Não pensamos que o Sinodo foi chamado para encorajar e a reforçar cada vez mais a órbita traçada pelo Vaticano II para imprimir

mais ênfase profética à Vida Religiosa, dirigindo a atenção animadora do Espírito para estimular mais o bem que está crescendo em cada Instituto (já também com o aumento das vocações).

Um provérbio muito significativo reza: "Faz mais barulho uma árvore que cai do que uma floresta que cresce".

O Sinodo deveria favorecer o crescimento da floresta!>

### 5.3 Partidas missionárias

Celebrou-se neste ano a 115.<sup>a</sup> Expedição Missionária.

Conforme os dados chegados ao Departamento das Missões, os Missionários salesianos que saíram neste 1983 para as Missões são 74. São provenientes de 15 nações diversas: Argentina (1), Bélgica (2), Colômbia (1), Filipinas (7), França (2), Alemanha (1), Grã-Bretanha (1), Índia (11), Itália (8), México (1), Holanda (1), Polônia (12), Portugal (2), Espanha (22), Estados Unidos (2).

Os países de destino dos missionários forma os seguintes: África Leste (11), Angola (1), Antilhas (4), Benin (2), Bolívia (1), Brasil (3), Costa do Marfim (3), Equador (1), Etiópia (1), Gabão (1), Japão (1), Guatemala (1), Guiné Equatorial (7), Indonésia (2), Libéria (3), Macau (1), Oriente Médio (1), Moçambique (1), Nigéria (1), Pápua Nova Guiné (5), Rwanda (1), Senegal (3), Timor 2), Venezuela (1), Zaire (5), Zâmbia (9). Total de nações: 27.

Agradecemos a Deus pelo dom das vocações missionárias e oremos para que cresça o número, para o bem da Igreja e para continuar eficazmente a ação missionária da nossa Sociedade começada com Dom Bosco.

## 5.4 Irmãos falecidos em 1985 — 4.º elenco

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUOGO E DATA DELLA MORTE	ETÀ	ISP	
P ABRATE Angel	Salta	4-11-85	70	ACO
P ALDI Enrico	Bahía Blanca	25-09-85	74	ABB
L BAGGIO Marco	Torino	18-12-85	66	ICE
P BARUCCI John	Kotagiri	26-04-85	80	INK
P BERARDI Mario	L'Aquila	28-11-85	68	IAD
L BOGETTI Bartolomeo	Genova	11-10-85	68	ILT
P BOZZO Agostino	Genova	11-08-85	72	IRO
P CAKÁNEK Giuseppe	Dubnica	31-08-85	71	CEB
L CAMPAGNOLO Pio	Verona	22-09-85	82	IVO
L CAPRETTI Pietro	Torino	23-11-85	75	ICE
P CARVALHO T. Sebastião	Campo Grande	27-09-85	46	BCG
L COGHI Giuseppe	Brescia	28-09-85	53	ILE
P DECAROLI Aldo	Krishnagar	21-11-85	73	INC
P DIAMANTINO Aparicio	New York	14-09-85	53	THA
P DURANTI Pietro	São Paulo	31-12-84	70	BSP
P EDAMALAI Chacko	Dibrugarh	28-08-85	46	ING
P FONSECA RIBEIRO Manuel	Porto	5-07-85	57	POR
P FRIGERIO Ambrogio	Brescia	29-09-85	78	ILE
P FURLAN Antonio	Córdoba	28-11-85	64	ACO
P GASPARI Claudio	Córdoba	16-11-85	64	ACO
P GAVASSA Agostino	Biella	21-10-85	68	INE
P GIOVANDO Lorenzo	Trino	29-09-85	83	INE
P GIUSSANI Gilberto	Treviglio	30-09-85	78	ILE
P GONCIARZ Pedro	São Carlos	5-11-85	75	BSP
P JANNILLI Raffaele	Frascati	5-08-85	64	IRO
P LAZZARI Celestino	São Paulo	23-11-85	78	BSP
P LAZZARIN Pietro	Monteortone	28-12-85	75	IVO
P LELLIS ALVES Eduardo	Lorena	3-11-85	96	BSP
L LEONE Emilio	Anagni	24-09-85	71	IME
P MORO Mario	Roma	21-11-85	65	UPS
P MOSKAL Celestine	West Haverstraw	24-09-85	86	SUE
P MOWCZAN Bronislaw	Lodz	21-11-85	69	PLE
P PIANGERELLI Basilio	Frascati	10-10-85	74	IRO
P PONTES Agenore	Belo Horizonte	15-10-85	89	BBH
<i>Fu Ispettore per 15 a.</i>				
P POPLAWSKI Kazimierz	Zakopane	23-11-85	74	PLE
P RAMIREZ AVILA Alejandro	Judibana	29-07-85	91	VEN
P RIGLER Francescco	Trstenik	13-04-85	72	JUL
P RODRIGUES Miguel	Lisboa	27-09-85	82	POR
P RODRIGUES PEREIRA José	Porto	14-08-85	80	POR

## 60 ATOS DO CONSELHO GERAL

---

NOME	LUOGO E DATA DELLA MORTE	ETÀ	ISP	
P SANDOVAL MARQUEZ Juan	Guadalajara	13-06-85	97	MEG
P SHÜTZDELLER Wilhelm	Jünkerath	1-11-85	87	GEK
P SOÓS Istiván	Eger	17-11-85	72	UNG
P STRECÁNSKY Jozef	St. Georges sur-Meuse	22-06-85	75	BES
P STUCHLY Gerard	Ústí nad Orlicí	20-09-85	73	CEP
P TOGNOCCHI Mario	West Haverstraw	7-12-85	67	SUE
L TONINI Antonio	Varazze	7-10-85	76	ILT
P TREVISAN Graziano	Venezia	30-11-85	59	IVE
P TUBERET Michael	Bolton	3-06-85	65	GBR
P ULAGA Giovanni	Zeljmje	12-09-85	49	JUL
P VALLES Francisco	Alcoy	9-06-85	79	SVL
S VAN Phan viet Joseph	Hochimin	9-96-85	36	VIE

---



